

# Dia da ressurreição: um ponto de distinção entre os dois cristos da Bíblia

Resurrection day: a point of distinction between the two christs of the Bible

Ediek Pereira Nunes Junior<sup>1</sup>

Pois o Diabo tem seus próprios cristos, [...].  
(Fírmico Materno, *Do Erro das Religiões Profanas*, 22.4).

Cada época teve uma religião ajustada a sua capacidade.  
(Albert Pike, *Moral e Dogma*, 1946, p. 105).

**Resumo:** Abordando o dia da ressurreição, este artigo tem por objetivo mostrar que diferentes Bíblias oferecem diferentes retratos de Jesus de Nazaré, assim como propõe um modelo que explique a mudança de dia do culto cristão. Na Bíblia em português, Jesus ressuscita no domingo. Na Bíblia em grego antigo, ele ressuscita no primeiro dos *shabats*. O termo hebraico *shabat* significa ‘feriado’ (semanal ou anual), isto é, dia de festa. E o antigo idioma grego empregava o número plural (*shabats*) em referência às celebrações anuais (aniversários, festivais). Expondo-se essas particularidades linguísticas dos idiomas hebraico e grego, permite-se então entender que a ressurreição de Jesus Cristo ocorreu no primeiro dia após o feriado anual da Páscoa, sem indicação do dia da semana. Isso pode ser verificado na primeira edição de *O Novo Testamento*, de Lutero (setembro de 1522) e na primeira edição da *Bíblia do Urso* (1569). Além disso, os pais da Igreja mostram que os primeiros cristãos congregavam no *shabat* (o sétimo dia da semana) e no dia do Senhor (um dia anual, o dia da ressurreição). Entretanto, numa possível correlação com a mudança do calendário imperial romano — que fez do dia do Sol o primeiro dia da semana e o dia de feriado semanal —, os cristãos mudaram seus dias de culto. O culto semanal passou para o primeiro dia da semana (dia do Sol), e o culto anual passou para o dia do Sol, da Páscoa.

**Palavras-chave:** Bíblia. *Shabat*. Domingo. Dia do Senhor. Dia da ressurreição.

**Abstract:** In dealing with the resurrection day, this article aims to show that different Bibles display different portraits of Jesus of Nazareth, as well as it proposes a model to explain the change of day in Christian worship. In the Portuguese Bible, Jesus is resurrected on Sunday. In the Bible in ancient Greek, he is resurrected on the first of the *Shabbats*. The Hebrew word *shabbat* means ‘holiday’ (weekly or annual), i.e., feast day. And the ancient Greek language used the plural number (*Shabbaths*) in reference to annual celebrations (birthdays, festivals). Having explained these linguistic peculiarities of the Hebrew and Greek idioms, it can be understood that the resurrection of Jesus Christ occurred on the first day after the annual Easter holiday, with no indication of the day of the week. This can be seen in the first edition of Luther’s *New Testament* (September 1522) and in the first edition of the *Reina Bible* (1569). In addition, the Church Fathers show that the first Christians gathered on Shabbath (the seventh day of the week) and on the Lord’s Day (an annual day, the day of the resurrection). However, in a possible correlation with the change in the Roman imperial calendar — which made the day of the Sun the first day of the week and a weekly holiday —, the Christians changed their days of worship. The weekly service moved to the first day of the week (Sunday), and the annual service moved to the Easter Sunday.

**Key words:** Bible. Sabbath. Sunday. Lord’s day. Resurrection day.

---

<sup>1</sup> *Curriculum vitae* disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7823838017178168>>. Artigo revisto e aumentado em setembro de 2024.

## 1. Introdução

Já é fato bem estabelecido no meio eclesiástico que Jesus Cristo ressuscitou no primeiro dia da semana (Mt 28.1). Devido a isso, afirmam alguns, os cristãos celebram seu culto no dia de domingo. E, por igual motivo, a Igreja Institucional declara que a expressão “dia do Senhor” (Ap 1.10) é a designação do dia de domingo (Bíblia, Shedd, 1997, p. 1759, nota de rodapé).

Os evangelistas registraram que Jesus ressurgiu dentre os mortos no “μίαν σαββάτων” (transliterado, *mían sabbátōn*) ou “μιᾶ τῶν σαββάτων” (*miã tōn sabbátōn*), cuja tradução literal é “primeiro dos sabás”. Entretanto, nossa Bíblia atual traduz esses termos por “primeiro dia da semana”. Cabe notar que a referida expressão grega é empregada nas seguintes passagens bíblicas: Mt 28.1; Mc 16.2; Mc 16.9; Lc 24.1; Jo 20.1; Jo 20.19; At 20.7; 1 Co 16.2. Se se consultar os léxicos do grego antigo (Bailly, 2020, p. 2073, verbete σάββατον; Liddell; Scott, 1940, p. 1579, vol. 2, verbete Σαββατ-), ter-se-á por resposta que σάββατον significa ‘*shabat*’ (o dia de descanso do judeu), mas que, no Novo Testamento, σάββατον também quer dizer ‘semana’.

Se se compulsar o dicionário de grego, de Sophocles (1914, p. 975, verbete σάββατον), ver-se-á que escritores judeus como Filon de Alexandria e Flávio Josefo empregavam a palavra ‘*shabat*’ unicamente com o sentido de ‘dia de descanso’, mas que o Novo Testamento também empregava σάββατον com o significado de ‘semana’. Isso, por si só, chama a atenção. Com efeito, esses dicionaristas parecem sugerir que somente se encontra σάββατον com o significado de ‘semana’ nos livros do Novo Testamento.

Quanto a essa questão, Eusébio de Cesareia (c. 260 – c. 340 d.C.), pai da Igreja, fez uma importante consideração sobre a palavra grega σάββατον quando ele abordou a aparente contradição entre o momento da ressurreição em Mateus 28.1 e João 20.1,11. Confira-se:

2. Mas [foi] o costume de [que] a semana inteira se chamasse *shabat* [σάββατον], e cada um dos dias assim se nomeasse. Diz-se, ao menos dessa forma, entre os evangelistas “primeiro dos *shabats*” [μιᾶ τῶν Σαββάτων]; e, então, o uso habitual: segundo dos *shabats*, e terceiro dos *shabats*, e quarto dos *shabats*; portanto, certamente em Mateus, o momento que refulge por volta da aurora do dia do Senhor designa-se “depois [ὀψὲ]<sup>2</sup> do *shabats*”, e não dizendo “no anoitecer do *shabat*” nem “depois do *shabat*” (Migne, PG 22:941; Eusebius, 2010, p. 105).

(Eusébio de Cesareia, *Livro das Questões Evangélicas*, 2.2).

A lição de Eusébio ressalta um ponto interessante. Se foi o costume que fez com que a palavra grega σάββατον (*sábbaton*) designasse uma semana completa, aparentemente houve um

---

<sup>2</sup> No dialeto comum (*koinē*), que é o grego da Bíblia, ὀψὲ (*opsè*) significa ‘depois’. É nos clássicos que esse termo grego é encontrado com o significado de ‘tarde’ e ‘bem tarde’ (Lenski, 2008, p. 1147; Mourcin, 1832, p. 397, verbete ὀψὲ; Specht, 1982, p. 117). Essa é a primeira palavra de Mateus 28.1.

tempo em que σάββατον não significava ‘semana’. Ou talvez se tenha aqui a primeira imposição de um novo significado para o termo grego σάββατον.

Em vista dessa provável criação de um novo significado para o vocábulo grego σάββατον, pretende-se estudar a expressão “μῦα τῶν σαββάτων” (*miã tōn sabbátōn*), sua tradução conforme os gramáticos da antiga língua grega, e como ela foi traduzida nas primeiras Bíblias da Reforma Protestante.

Ao final, espera-se demonstrar as dificuldades enfrentadas para se sustentar a tradução de “μῦα τῶν σαββάτων” em “primeiro dia da semana” ao mesmo tempo em que se revela a possibilidade de se entender essa expressão grega com o significado de ‘primeiro dia após o feriado anual’. Como corolário desse trabalho, o leitor poderá conferir que diferentes Bíblias oferecem diferentes imagens de Jesus de Nazaré: umas o retratam ressuscitando no primeiro dia da semana, outras o descrevem ressuscitando no primeiro dia depois do feriado anual da Páscoa, sem explicitar o dia da semana.

Aliás, uma vez que os primeiros cristãos mudaram seu dia de culto — do sétimo dia da semana para o primeiro dia da semana —, indicar-se-á a obediência ao calendário imperial romano e a preeminência do Deus Sol como as prováveis causas dessa alteração.

## 2. O termo hebraico ‘shabat’ não significa ‘semana’

Nosso vocábulo ‘sabá’ e o termo grego σάββατον têm origem na palavra hebraica *shabat* (שַׁבָּת), que por sua vez deriva do verbo *shavat* (שָׁבַת), cujo significado é ‘cessar’. Em sua origem, portanto, *shabat* significa ‘cessação’, pois, para os judeus, cessam-se as atividades no sétimo dia da semana, por exemplo. Os dicionaristas e tradutores do idioma hebraico oscilam quanto ao significado de *shabat* (שַׁבָּת). Um grupo sustenta que שַׁבָּת significa unicamente ‘shabat’ (sétimo dia da semana, cessação do trabalho), e outro grupo pontifica que שַׁבָּת quer dizer ‘sétimo dia da semana’ e também ‘semana’.

Para Jay Patrick Green (Lv 23.15; Lv 25.8), (Bíblia, Green, 2013), os editores do sítio *Bible Hub*<sup>3</sup>, Joseph Samuel C. F. Frey (1842, p. 283, verbete שַׁבָּת), Merrill Unger e William White Junior (Vine, 2016, p. 66-67, verbete ‘cessar’), e outros, שַׁבָּת significa somente ‘shabat’. Mas, para a Bíblia católica de Matos Soares e a Bíblia protestante de João Ferreira de Almeida (Lv 23.15; Lv 25.8), para Julius Fürst (1867, p. 1340-1341, verbete שַׁבָּת), e outros, שַׁבָּת significa ‘shabat’ e também ‘semana’.

Para elucidar a questão, cita-se Heinrich Gesenius (1853, p. 1360-1361, verbete שַׁבָּת, vol. 3) em sua obra *Dicionário Filológico-Crítico da Língua Hebraica e Caldeia do Antigo Testa-*

---

<sup>3</sup> Queira ver as duas controversas ocorrências de *shabat* na seguinte Bíblia Interlinear: <<https://biblehub.com/interlinear/leviticus/25-8.htm>> e <<https://biblehub.com/interlinear/leviticus/23-15.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

mento. Consoante o professor Gesenius, *shabat* (שַׁבָּת) significa: (1) “Sábado, isto é, o sétimo dia da semana (do anoitecer do dia de Vênus ao anoitecer do dia de Saturno)” – Êx 20.8; Êx 31.12-17; Lv 23.3; Êx 35.2; Nm 15.32-36. (2) “O grande Dia da Expição é especialmente chamado de *shabat*” – Lv 23.32. (3) “Além disso, o nome *shabat* também é atribuído a cada sétimo ano, aquele em que a agricultura descansava do mesmo modo que se fazia no *shabat*” – Lv 25.2-4; Lv 26.34. Porque *shabat* podia designar um dia de descanso num grupo de sete dias, como também podia indicar um ano de descanso num grupo de sete anos. (4) “Por fim, algumas vezes, *shabat* é quase considerado como a própria semana” – Lv 23.15; Lv 25.8.

O termo *shabat*, portanto e segundo Gesenius, quase assume o significado de semana, mas não chega a assumir. Nas passagens de Levítico 23.15 e Levítico 25.8, lê-se “contareis [...] sete *shabats* completos” e “contareis para vós sete *shabats* de anos”, respectivamente. O texto bíblico manda contar *shabats* (dias de descanso ou anos de descanso), e não semanas. No hebraico antigo existe a palavra ‘semana’. Se o escritor desejasse que se contassem semanas, no lugar de *shabat*, ele teria escrito שַׁבּוּעַ (*shavua’*, singular) ou שַׁבּוּעוֹת (*shavuo’t*, plural), como se vê em Gênesis 29.27 ou Deuteronômio 16.9, por exemplo.

Somente por um tropo (mudança, figura de linguagem) é que *shabat* poderia designar ‘semana’, no caso, por sinédoque, em que uma parte da coisa é tomada por toda ela. E mesmo que o escritor bíblico estivesse empregando esse tropo, como o próprio nome indica, não deixaria de ser um desvio do real significado de *shabat*, um termo que designa os variados dias de feriado, ou mesmo o ano de feriado agrário, em que a lei israelita determinava a cessação do trabalho.

### 3. A semana e os feriados no antigo reino de Israel

A legislação israelita estabeleceu a semana de sete dias e, por influência da cultura babilônica, determinou que o sétimo dia fosse um dia de *shabat*, um dia de cessação do trabalho, um dia de feriado (Lv 23.3). Muito antes do reino de Israel, o instituto do feriado semanal já vigia na Babilônia, onde esse dia era de mau agouro.

Todo décimo quarto (2 x 7) dia, isto é, os dias de lua cheia e de lua nova, eram dias de *shapattu* (babilônio) ou *shabattu* (acadiano) na Babilônia. Num calendário religioso babilônico que marcava os dias como propícios ou não propícios, os dias 7, 14, 21 e 28 do mês eram dias de mau agouro, eram dias de *shabattu* (University of Chicago, 2004, p. 449-450, verbete *shapattu*, vol. 17, parte 1; North, 1955, p. 190, 195), nos quais as pessoas paravam seus trabalhos e se dedicavam à execução de vários rituais (sacrifícios e batismos) com o propósito de aplacar a Divindade.

Talvez porque nos dias de mudança de lua se tenha mau tempo, o que levava o homem antigo a crer que o Deus Céu estava zangado. Os povos assírio e babilônico, então, cessavam de trabalhar uma vez na semana porque tinham medo de que algo ruim pudesse ocorrer.

Por outro lado, na intenção de mostrar que יהוה (Yahuah)<sup>4</sup> era um Deus de algum modo diferente dos Deuses pagãos, a legislação israelita estabeleceu que os dias de feriado seriam dias de celebração e alegria. Porque Yahuah deseja que o homem viva de maneira feliz.

As nações do mundo antigo tinham por costume consagrar os dias da semana às Divindades estelar e planetárias. Assim é que, hoje, em muitos países, o dia de domingo é consagrado ao Deus Sol. Segunda-feira, à Deusa Lua. Terça-feira, ao Deus Marte. Quarta-feira, ao Deus Mercúrio. Quinta-feira, ao Deus Júpiter. Sexta-feira, à Deusa Vênus. E sábado, ao Deus Saturno.

Simultaneamente ao fato de que os israelitas tinham aversão a isso, a primeira Constituição do Estado de Israel (lei mosaica) estabelecia o sétimo dia como o dia mais importante da semana (Êx 23.12), e também decretava algumas datas cívicas de grande relevância. Tanto o sétimo dia da semana quanto as datas cívicas eram dias festivos e de grande celebração. Ambos eram *shabat*.

Uma vez que o povo israelita não consagraria seus dias da semana a algo que fosse criado ou a alguma criatura, e desde que os dias de *shabat* eram os dias mais importantes em Israel, o povo israelita, então, numerava os eventos a partir do dia de *shabat*. Desse modo, os dias da semana eram nomeados em função do *shabat* semanal. Portanto, a semana israelita assim se nomeava: primeiro-*shabat*, segundo-*shabat*<sup>5</sup>, terceiro-*shabat*, quarto-*shabat*, quinto-*shabat*, sexto-*shabat* ou antessabá, e *shabat*. Isto é, primeiro (dia depois do) *shabat*, segundo (dia depois do) *shabat*, e assim por diante.

É interessante notar que os dias da semana em Portugal e no Brasil são denominados à moda israelita por influência do bispo Martinho de Braga (Portugal) e de sua epístola *De Correctione Rusticorum*<sup>6</sup> (*Da Correção dos Pagãos*<sup>7</sup>, cerca do ano 572), que condenou a veneração dos

---

<sup>4</sup> O provável nome do Deus judeu e do Deus cristão. Gesenius (1840, p. 577, vol. 2, verbete יהוה) referencia as várias leituras desse nome nos textos gregos e latinos: Ιαω, Ιαου, Ιαβε, e *Iaho*. Chama-se a atenção para a pronúncia registrada por Clemente de Alexandria (*Stromata*, 5): Ιαου, que se lê /I.a.u/ — o alfabeto grego não tem a letra ‘u’, que foi suprida pelo ditongo ‘oy’, que se pronuncia ‘u’. As formas abreviadas ‘Yahu’ e ‘Yah’ eram as pronúncias permitidas ao povo israelita, como se vê nos nomes teofóricos da Bíblia Hebraica — Is 1.1: *Yasha’-Yahu* (Isaías), Jr 1.1: *Yierme-Yahu* (Jeremias), (Bíblia, Green, 1983, p. 1614, 1735, vol. 3), Mt 9.9: *Matit-Yahu* (Mateus), (Bíblia, [198?], p. 19); ou na palavra ‘aleluia’ (*halelu-Yah*), ‘louvai a Yah’. Os documentos babilônicos também registraram a pronúncia desse nome divino a partir dos nomes teofóricos dos reis de Israel ou da tribo de Judá. Neles, ‘Judá’ se lê ‘*Ya-u-da*’ (Harkness, [19--?], p. 48; Sayce, 1895, p. 62-63). A pronúncia do nome do rei que se conhece por Jeú (2 Rs 9.2), era ‘*Ia-ú-a*’ (Grayson, 2002, p. 48, 60, 149). E o rei Jeocaz (2 Rs 13.1), na verdade, era chamado ‘*Ia-ú-ha-zi*’ (Tadmor; Yamada, 2011, p. 122-123).

<sup>5</sup> Em latim, *shabat* se diz *feria*, *feriae*, *feriarum* ou *feriatum*, termos que significam ‘festival religioso’, ‘feriado’, ‘dia de descanso em honra dos Deuses’. Nossa palavra ‘feira’ (de ‘segunda-feira’, por exemplo) vem do latim *feria*. E o dia de *feria* é assim denominado porque, na Roma Antiga, era o dia de feriado semanal no qual se feriam, se matavam (em latim, *ferio*) as vítimas sacrificiais em culto à Divindade (Nunes Junior, 2022, p. 18-19).

<sup>6</sup> “*Rusticus*” significa ‘rural’, ‘do campo’. Quando as práticas da Religião Antiga se tornaram crime em Roma, após o ano 380 e com o estabelecimento do Cristianismo como religião de Estado, os romanos que continuaram no culto antigo foram forçados a ir para o campo, onde habitavam em aldeias. Daí o nome ‘pagão’, aquele que mora em aldeia (no latim, *pagus*), aquele que habita no campo. Pois, só no meio rural e longe das autoridades é que os antigos romanos puderam continuar a executar os rituais da Religião Antiga, que passou a se chamar Religião Pagã.

<sup>7</sup> Essa obra foi traduzida do latim para o inglês, por Hélio Pires. Essa versão está disponível em: <<http://germanicmythology.com/works/De%20Correctione%20Rusticorum.html>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

Deuses pagãos por meio do nome dos dias da semana. Somente nosso primeiro dia da semana foge à nomenclatura israelita, pois se chamou de domingo (*dominicus*), isto é, o (dia) do Senhor, devido à suposta ressurreição de Cristo nesse dia.

A lista dos feriados israelitas encontra-se no livro de Levítico. Os feriados anuais eram: (I) o primeiro e o último dia da Festa do Pão Ázimo (Lv 23.6-8); (II) o dia da Festa das Semanas ou Festa da Segra ou Pentecostes (Lv 23.21); (III) o dia de Ano Novo ou Festa das Trombetas (Lv 23.24-25; Nm 29.1); (IV) o Dia da Expição (Lv 23.28; Lv 16.31); (V) o primeiro e o último dia da Festa das Tendras ou Festa da Colheita (Lv 23.39). O feriado semanal era o sétimo dia da semana, denominado *shabat* (Lv 23.3). Os feriados anuais também se chamavam *shabat*.

Os feriados do sétimo dia da semana, de Ano Novo, da Festa das Tendras e do Dia da Expição eram *shabat shabaton* (שַׁבָּת תְּשַׁבֵּת), isto é, eram um ‘*shabat* de grande festividade’ (Lv 23.3; Lv 23.24; Lv 16.31; Lv 23.32; Lv 23.39). A designação *shabat shabaton* também se aplicava ao ano em que a terra descansava, o ano sabático (Lv 25.4).

Posto que os feriados anuais e semanal eram dias festivos, em que se proibia o trabalho, toda a preparação da festa devia ser feita no dia anterior. A véspera dos feriados anuais (as festas) e do feriado semanal (o *shabat*) era chamada de parasceve, palavra com origem no idioma grego (παρασκευή, *paraskeyē*), que significa ‘preparação’ (Grimm; Wilke, 1889, p. 486, verbete παρασκευή; Zeitlin, 1932, p. 269). Isso se confirma em João 19.14, passagem que declara a execução de Jesus na “parasceve da Páscoa”.

A parasceve, portanto, era o Dia da Preparação. Nele, o judeu aprontava-se para o dia seguinte, o feriado, em que era vedado o trabalho. No dia da preparação, rachava-se a lenha, acendiam-se o fogão e as candeias, compravam-se os alimentos e, com relação ao feriado da Páscoa, imolava-se o cordeiro e retirava-se o fermento de casa. Assim, o judeu não trabalhava no dia de *shabat* (semanal ou anual). A violação da guarda do *shabat* era um crime punido com a morte (Êx 31.14-15; Nm 15.32-36), embora não seja crível que, no tempo de Jesus, alguém fosse condenado por essa transgressão.

A execução de Jesus deu-se por ocasião da Festa do Pão Ázimo (Mc 14.1; Lc 22.1). Essa festa durava sete dias (Lv 23.6), durante os quais o judeu comia pão ázimo, isto é, pão sem fermento. O feriado da Páscoa era o feriado do primeiro dia da Festa do Pão Ázimo, o dia que começava com a santa ceia em que se comia a páscoa, isto é, o cordeiro (Êx 12.21: “e imolai a páscoa”; Dt 16.5: “sacrificar a páscoa”; Mt 26.17: “os preparativos para comeres a páscoa”; Lc 22.7, no grego: “na qual tinha de ser imolada a páscoa”). Não era incomum incluir o dia da preparação entre os dias dessa festa (Dt 16.4; Mt 26.17; Mc 14.12; Lc 22.7-8). A Festa do Ázimo, então, passava a contar oito dias segundo o relato do historiador Josefo: “Portanto é que, em memória daquele tempo de escassez, nós celebramos por oito dias uma festa denominada Festa dos Ázimos” (Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, 2.15.1), (Josephus, 1961, p. 303, 305, vol. 4).

A Judeia situava-se na Roma Oriental, de cultura grega. No grego comum (*koinē*), empregava-se o caso genitivo no ato de situar um período ou um evento no tempo, subentendendo-se a expressão ‘depois de’ ou ‘após o’. É a lição do doutor Sophocles. Evangelinus Apostolides Sophocles (1804 – 1883), natural da Tessália (Grécia), foi professor de Grego Antigo, Bizantino e Moderno na Universidade de Harvard (EUA). Nunca fez um mestrado ou um doutorado. Porém, tamanha foi sua erudição que ele foi agraciado, *honoris causa*, com dois títulos de mestre e dois títulos de doutor. Conforme esse professor:

6. O genitivo subordinado a ἡμέρα [dia], μὴν [mês], ou ἔτος [ano] é equivalente a μετά τόν [após o] em construções semelhantes às seguintes. [...]. Mt 28.1 Μίαν σαββάτων [primeiro dos *shabats*], a saber ἡμέραν [dia], o *primeiro dia após o Shabat* (Sophocles, 1914, p. 43). (Itálico do autor).

Aliás, há outra peculiaridade no antigo idioma grego com relação à designação de seus eventos festivos de comemoração anual. O falante do grego comum (*koinē*) empregava o plural idiomático para nomear uma única festa (feriado) de celebração anual. Por exemplo, no que concerne à festa em devoção ao Deus Dioniso, não se dizia: participei da Dionísia. Dizia-se, sim: participei das Dionísias (Donaldson, 1862, p. 367). Na Roma Oriental, não se dizia: venha ao meu aniversário. Dizia-se, sim: venha aos meus aniversários. Daí que, no Novo Testamento, “os nomes das festas frequentemente estão no plural, tais como τὰ ἐγκαίνια [as restaurações, as reinaugurações] (Jo 10.22), τὰ γενέσια [os aniversários] (Mc 6.21), τὰ ἄζυμα [os ázimos] (Mc 14.1), γάμοι [casamentos] (Mt 22.2), [...]” (Robertson, 1914, p. 408).

Na mesma direção aponta o luterano Richard Lenski (1864 – 1936) ao comentar o texto de Mateus 28.1. Embora ele sustente que Jesus ressuscitou no primeiro dia da semana, Lenski não deixa de ensinar que “os nomes dos festivais frequentemente estão no plural; e desse modo o plural σάββατα também era usado, conquanto se referisse a somente um ‘*shabat*’” (2008, p. 1148).

Quanto a isso, é instrutiva a lição do presbiteriano Albert Barnes (1798 – 1870) a respeito da palavra *shabat* (no genitivo plural: σαββάτων) que se encontra em Colossences 2.16. Observe-se seu comentário:

“Ou de dias de *Shabat*”. Grego: “de *Shabats*”. **A palavra *Shabat*, no Antigo Testamento, é aplicada não somente ao sétimo dia mas a todos os dias de repouso sagrado [feriado] que eram observados pelos hebreus**, e particularmente ao [dia de] início e ao [dia de] fim de seus grandes festivais. Sem dúvida, há uma referência a esses dias neste lugar, visto que a palavra é usada no número plural, e o apóstolo não se refere particularmente ao *shabat* propriamente dito. Não há evidência nesta passagem de que ele ensinasse que não há a obrigação de observar qualquer período santo, pois não há a menor razão para crer que ele pretendesse ensinar que um dos dez mandamentos tivesse cessado de ser obrigatório para a humanidade. Se ele tivesse usado a palavra no número singular — ‘O *Shabat*,

certamente então estaria claro que ele tencionava ensinar que aquele mandamento cessou de ser obrigatório, e que qualquer *Shabat* não mais deveria ser observado. **Porém, o uso do termo no número plural e a [sua] relação mostram que ele tinha em vista o grande número de dias que eram observados pelos hebreus como festivais, como uma parte de sua lei cerimonial e simbólica, e não [parte] da lei moral, ou dos dez mandamentos.** De nenhuma parte da lei moral — de nenhum dos dez mandamentos — poderia ser dito “uma sombra das boas coisas por vir” [Hb 10.1]. Esses [dez] mandamentos são, em razão da natureza de lei moral, de obrigação perpétua e universal (Barnes, 1855, p. 306-307). (Grifo nosso).

Lenski e Barnes sugerem, portanto, uma distinção no uso singular ou plural da palavra grega *σάββατον* (*shabat*) no Novo Testamento. Visto que o hebraico *shabat* designa tanto o feriado semanal quanto o feriado anual, se se lê *σάββατον* (singular), pode-se estar diante do sétimo dia da semana (feriado semanal) ou de um festival (feriado anual), porque os nomes dos festivais frequentemente, e não obrigatoriamente, estão no plural, indicando um dia singular. Por outro lado, se o texto escreve *σαββάτων* (genitivo plural), há uma referência a um festival (feriado anual).

Excetuam-se, porém, o uso de um numeral cardinal antes de *σάββατον* (nominativo ou outro caso, salvo o genitivo) ou o uso do plural inclusivo dos dois tipos de *shabats*. Quando o texto indica, por exemplo, o transcurso de três *shabats*, o grego escreverá o plural sem que se possa sustentar terminantemente que seja um feriado anual, como se observa em Atos dos Apóstolos 17.2: “E, por três *shabats* [*σάββατα*], arrazoou com eles”. Quem discursa pode referir-se inclusivamente a qualquer tipo de *shabat* quando emprega o plural, como se nota em Mateus 12.10: “É lícito curar nos *shabats* [*σάββασιν*]”?

Deve-se notar que os sabatistas se aproveitam dessa distinção para afirmar que a guarda do sétimo dia da semana não foi abolida pelo Evangelho:

A histórica posição da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre Colossences 2.16 é que o “dias de *Shabat*” mencionado nesse versículo são os *shabats* festivais prescritos pelas leis de Moisés (Lv 23.32, 37-39), e não o *shabat* do sétimo dia, do quarto mandamento do Decálogo (Wood, 1982, p. 338).

A Igreja Adventista do Sétimo Dia sustenta tal posição fundamentada naquele mesmo argumento mencionado por Albert Barnes, isto é, quando o falante do grego *koinē* dizia ‘*shabats*’, ele se referia a um feriado anual<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> O feriado de Pentecostes ocorria cinquenta dias depois do feriado da Páscoa. Ao estabelecer o dia de Pentecostes, a *Septuaginta* refere-se ao feriado da Páscoa empregando o termo *shabats* (*σαββάτων*). Assim escreve Levítico 23.15 na lendária tradução dos setenta: “E contareis para vós mesmos a partir do dia depois dos *shabats* [*τῶν σαββάτων*], a partir do dia em que deveis oferecer um feixe de [oferta] alçada, sete semanas completas” (Bíblia, Brenton, 1900, p. 160).

E, sobre isso, acrescenta-se: se o mesmo falante do antigo grego comum antepusesse um numeral ordinal ao termo *shabat* flexionado no caso genitivo singular, ele indicava o dia da semana, por exemplo, quinto do *shabat*, isto é, o quinto (dia depois do) *shabat*. Outrossim, se ele antepusesse um numeral ordinal ao termo *shabat* flexionado no caso genitivo plural, por exemplo, primeiro dos *shabats*, tal pessoa apontava o primeiro dia depois de um feriado anual.

#### 4. O dia da ressurreição nas primeiras Bíblias da Reforma Protestante

Muito atrativo é o texto das primeiras edições das Bíblias da Reforma Protestante (1517). Conquanto possuam limitações<sup>9</sup> porque derivam do *Novum Instrumentum Omne* (título da 1.<sup>a</sup> edição, 1516) e, com novo título, do *Novum Testamentum Omne* (título da 2.<sup>a</sup> edição, 1519, talvez a melhor), de Erasmo de Roterdã, a primeira edição de cada uma das Bíblias da Reforma Protestante é bem fiel ao texto grego de Erasmo. Os tradutores estavam mais preocupados com a verdade do que com a implicação política de suas versões. Entretanto, ao passo que os tradutores faleciam e a Reforma perdia força, a Igreja Protestante foi alterando a redação dessas primeiras edições até chegar à Bíblia protestante que se tem hoje.

Antes de se abordar a passagem de Mateus 28.1 nas Bíblias da Reforma, deve-se observar sua redação no *Textus Receptus* (Texto Recebido),<sup>10</sup> com a tradução interlinear de Jay Patrick Green, e com nossa versão para o português:

Ὅψε δὲ σαββάτων τῇ ἐπιφωσκούσῃ εἰς μίαν σαββάτων ἦλθεν  
late in But the sabbaths, at the dawning into the first of Sabbaths came  
após Mas o *shabats*, no alvorecer para o primeiro de *shabats* veio  
Μαριά ἢ Μαγδαληνή καὶ ἡ ἄλλη Μαρία θεωρῆσαι τὸν τάφον.  
Mary the Magdalen and the other Mary to view the grave.  
Maria a Madalena e a outra Maria para olhar o sepulcro.  
(Bíblia Interlinear Jay P. Green, edição em quatro volumes, 2009, Mateus 28.1).

Na Bíblia em grego antigo, Jesus é executado e sepultado no dia da preparação, permanece morto durante o *shabats* (no caso, o feriado anual da Páscoa) e, na aurora do primeiro (dia depois) do *shabats*, ele ressuscita.

<sup>9</sup> Erasmo empregou apenas sete (ou oito) manuscritos gregos, datados entre os séculos XII e XV, na edição de seu *Novum Instrumentum Omne* (1516), além de trechos da *Vulgata Latina*, que ele teve de verter para o grego (Milligan, 1932, p. 100-101; Metzger, 1964, p. 99-100).

<sup>10</sup> O *Novo Testamento Completo*, de Erasmo de Roterdã, recebe o nome de *Textus Receptus* desde a primeira edição (1516) até a edição de Elzevir (1633). A obra de Erasmo também tem esse nome em razão do prefácio da edição de 1633 (Metzger, 1964, p. 106), cuja segunda página traz a frase: “*Textum ergo habes, nunc ab omnibus receptum: in quo nihil immutatum aut corruptum damus*”, “tu possuis, portanto, o **texto** que neste momento é **recebido** por todos, o qual entregamos nada alterado ou corrompido”. Queira ver essa frase na edição de 1633, em: <[https://www.e-rara.ch/bau\\_1/content/zoom/13094080](https://www.e-rara.ch/bau_1/content/zoom/13094080)>. Acesso em: 08 fev. 2024.

Lamentavelmente, na edição em volume único da Bíblia Interlinear Jay P. Green (2013), na série de passagens que emprega “μῖα [ου πρώτη] τῶν σαββάτων” (*miã tōn sabbátōn*) — Mt 28.1; Mc 16.2; Mc 16.9; Lc 24.1; Jo 20.1; Jo 20.19; At 20.7; 1 Co 16.2 —, o leitor somente encontrará a tradução ‘primeiro dos *shabats*’ em João 20.1, João 20.19 e Atos dos Apóstolos 20.7. Nas outras ocorrências, σαββάτων é vertido em ‘semana’. Assim, os editores fizeram Jay P. Green divergir de si mesmo, porque, na edição em quatro volumes de sua Bíblia (2009, vol. 4), Jay P. Green traduz σαββάτων por *sabbaths* em todas essas oito ocorrências<sup>11</sup> citadas acima.

De todo modo, observe-se agora o texto de Mateus 28.1, com tradução interlinear, em algumas Bíblias da Reforma Protestante:

**Am abent aber der feyertagen, wilcher anbricht am morgen des ersten**  
Na noite porém dos **feriados**, o qual alvorece na manhã do primeiro  
**tags der sabbaten, kam Maria Magdalena und die ander Maria**  
dia dos *shabats*, veio Maria Madalena e a outra Maria  
**das grab zu besehen.**  
à sepultura para olhar.

(Bíblia, Martinho Lutero, *O Novo Testamento Alemão*, 1.ª edição, setembro de 1522, Mateus 28.1).

**Et la sera de sabbati, laquale riluce in uno de sabbati, venne Maria**  
E no anoitecer do *shabats*, o qual reluz em um do *shabats*, veio Maria  
**Magdalena, & l'altra Maria, à vedere il sepolchro.**  
Magdalena e a outra Maria para ver o sepulcro.

(Bíblia, Antonio Brucioli, *Bíblia Brucioli*, 1.ª edição, 1532, Mateus 28.1).

**Mais au vespre des sabbathz, qui commence a luyre au premier iour**  
Mas no anoitecer dos *shabats*, o qual começa a brilhar no primeiro dia  
**des sabbathz, vint Marie Magdalaine et lautre Maria veoir le sepulchre.**  
dos *shabats*, veio Maria Madalena e a outra Maria olhar o sepulcro.

(Bíblia, Pierre Olivétan, *Bíblia Olivétan*, 1.ª edição, 1535, Mateus 28.1).

**Y la vispera de los Sabbados que amanece para el primero de los Sabbados**  
E ao anoitecer de os *Shabats* que amanhece para o primeiro de os *Shabats*  
**vino Maria Magdalena, y la otra Maria à ver el sepulchro.**  
veio Maria Madalena, e a outra Maria, para ver o sepulcro.

(Bíblia, Casiodoro de Reina, *Bíblia do Urso*, 1.ª edição, 1569, Mateus 28.1).

João Ferreira de Almeida (1628 – 1691) completou a tradução do Novo Testamento no ano de 1668, em Batávia (hoje Jacarta, Indonésia). Almeida traduziu a partir do latim, do protestante Teodoro de Beza (Bíblia, 1559), cotejando sua tradução com as Bíblias Brucioli, Olivétan, do Urso e, por fim, com o texto grego. Na dedicatória de seu livro *Diferença d'a*

---

<sup>11</sup> Deve-se notar que Mc 16.9 escreve “πρώτη σαββάτου” (genitivo singular). O texto de 1 Co 16.2 se lê “μίας σαββάτων” (genitivo plural), e J. P. Green estranhamente o traduz por “um do *shabat*” (Bíblia, 2009, vol. 4).

*Christandade* (Almeida, 1668, p. 13-15, 33-35), ele suplica a publicação dessa tradução. Somente em 1676, o Presbitério de Batávia instituiu uma comissão para revisão e publicação de seu Novo Testamento.

Nesse tempo, os primeiros reformadores já haviam morrido, e as passagens citadas acima já haviam sido alteradas pela Igreja Institucional, Bíblia por Bíblia. João Ferreira de Almeida tentou ser fiel ao grego, mas a Igreja Reformada da Holanda atrasou em treze anos a publicação da obra dele e fez com que ela passasse por duas comissões de ‘revisão’, uma em Batávia e outra na Holanda (Alves, 2004, 4.8-12 ou p. 290-294).

O Novo Testamento de João Ferreira Annes de Almeida foi publicado em 1681, totalmente desfigurado pelos trabalhos de revisão impostos pela Igreja Reformada da Holanda. Ferreira de Almeida ficou tão indignado que publicou “pouco tempo depois, com a data de 1 de janeiro de 1683, uma *Advertencia* com um índice de mais de mil erros, que cumpria corrigir” (Ferreira, 1906, p. 28; veja-se também Santos, 1806, p. 49).

Das oito ocorrências da expressão “primeiro dos *shabats*” (Mt 28.1; Mc 16.2; Mc 16.9; Lc 24.1; Jo 20.1; Jo 20.19; At 20.7; 1 Co 16.2), somente em João 20.19 e em Atos dos Apóstolos 20.7 é que *O Novo Testamento* (1681), de João Ferreira Annes de Almeida, apresenta a tradução correta. Era a Igreja Institucional trabalhando para fazer com que seu Cristo se mantivesse (ou passasse) a ressuscitar no domingo, o dia do Senhor Sol. Essa é a última Bíblia da Reforma Protestante em que o leitor ainda encontrará o registro de Jesus ressuscitando e dos primeiros cristãos se reunindo no primeiro dia após o feriado anual (da Páscoa). Em vista disso, confira-se então a redação de João 20.19, que escapou à revisão da Igreja Institucional, na primeira edição de *O Novo Testamento*, de Ferreira de Almeida:

E como ja foi tarde aquelle dia, o primeiro dos Sabados, estando cerradas as portas, aonde os discipulos por medo dos Judeos se tinhaõ ajuntado, veio Jesus e pos se no meio, e disselhes: A paz seja com vosco.

(Bíblia, João Ferreira de Almeida, *O Novo Testamento*, 1.<sup>a</sup> edição, 1681, João 20.19).

Na segunda edição de *O Novo Testamento*, com o nome de João Ferreira de Almeida (Bíblia, 1693), já falecido, a Igreja Institucional assumiu total controle sobre o texto sagrado. As oito ocorrências da expressão “μῆ τῶν σαββάτων” foram traduzidas por ‘primeiro dia da semana’. Em 176 anos, isto é, da Reforma Protestante (1517) até essa segunda edição de *O Novo Testamento*, de Almeida (Bíblia, 1693), conseguiu-se ocultar a verdade que os reformadores revelaram.

Se resta dúvida quanto ao dia da ressurreição de Jesus Cristo, duas notas marginais em Mateus 28.1, em duas Bíblias da Reforma Protestante, poderão elidir qualquer incerteza:

(Am abent)

Die schriffth sehet den tag an am vergangen abent, vnd desselben abents ende ist der morgen hernach Also spricht hie S. Math. Christus sey am morgen auf-ferstanden, der des abents ende vnd anbruch des ersten feyrtags war, denn sie tzeleten, die sechs tage nach dem hohen osterfest alle heylig, vnd fiengen den ersten an am nehisten nach dem hohen oster fest.

(Na noite)

A Escritura contempla o dia na noite que passou, e o fim da mesma noite é a manhã seguinte. Assim diz São Mateus aqui: Cristo é ressuscitado na manhã a qual [era] término de noite e era a alvorada do primeiro [dia depois] do feriado. Porque contaram os seis dias após a Alta Páscoa, todos [como] santificados, e começaram o primeiro no próximo [dia] depois da Alta Páscoa.

(Bíblia, Martinho Lutero, *O Novo Testamento Alemão*, 1.<sup>a</sup> edição, setembro de 1522, nota marginal em Mateus 28.1).

Lc 24,1. muy de mañana. Ioan. 20,1. siendo aun escuro. q. d. la madrugada del primer-dia de los 7 de los panes por leudar, despues del primero ñ era la fiesta de la Pascua. Lev. 23,5,6.

Lucas 24.1. “Bem de manhã”. João 20.1. “Sendo ainda escuro”. Quer dizer a madrugada do primeiro dia<sup>12</sup> dos sete [dias] dos pães sem levedar, depois do primeiro [dia] que era a Festa da Páscoa. Levítico 23.5-6.

(Bíblia, Casiodoro de Reina, *Bíblia do Urso*, 1.<sup>a</sup> edição, 1569, nota marginal em Mateus 28.1).

Nem Lutero, nem Casiodoro de Reina afirmam que Jesus Cristo ressuscitou no primeiro dia da semana. Muito pelo contrário, ambos ensinam que Jesus ressurgiu dentre os mortos após o primeiro dia da Festa do Pão Ázimo, isto é, que ele ressuscitou depois do feriado da Páscoa, ao nascer do sol no primeiro dia depois daquele *shabats*. E apenas isso.

## 5. Discrepâncias entre os manuscritos

Já se sabe que a Bíblia contém erros culposos e dolosos, cometidos pelos copistas e pelos líderes eclesiásticos (Nunes Junior, 2019, p. 3-6, 10-11).

Contudo, é algo comum ouvir-se que esses erros são insignificantes e que não alteram a mensagem do texto sagrado. Então, para mostrar que erros mínimos alteram completamente a mensagem da Bíblia, far-se-á uma análise dos textos de Marcos 16.1 e de Marcos 16.9.

Assim se lê Marcos 16.1 no *Textus Receptus*: “E tendo passado do *shabat* [σαββάτου], Maria, a madalena, e Maria, a de Tiago, e Salomé compraram especiarias para que, indo, pudessem ungi-lo” (Bíblia, Green, 2009, p. 168, vol. 4).

---

<sup>12</sup> O dia em Israel conta-se das 18h às 18h do dia seguinte. “A madrugada do primeiro dia”, vale dizer, a madrugada seguinte ao período diurno do primeiro dia da festa dos Ázimos, ou seja, já no dia seguinte ao feriado.

Agora, compare-se a mesma perícopa na redação da primeira Bíblia dos godos, uma tribo germânica. Úlfilas (c. 311 – c. 382 d.C.) foi o bispo cristão que evangelizou os godos e supostamente criou o alfabeto gótico ao elaborar a primeira tradução da Bíblia no idioma gótico. A primeira Bíblia dos godos chegou até aos nossos dias por meio de uma cópia (manuscrita) de meados do século VI. Veja-se, então, o texto de Marcos 16.1-2 na Bíblia de Úlfilas:

E aproximando-se o dia de *shabats* [*sabbate*]<sup>13</sup>, Maria, a madalena, e Maria, a de Tiago, e Salomé compraram especiarias doces para que, indo, pudessem ungi-lo. E, bem cedo, depois daquele dia de *shabats* [*sabbate*], foram ao sepulcro, em nascendo o sol (Bíblia, Balg, 1891, p. 44, 411; verbete *sabbatô*; Bíblia, Benzeli, 1750, p. 144).

(Bíblia, Úlfilas, *Bíblia Gótica*, cerca do ano 550, Marcos 16.1-2).

Esse texto concorda com Lucas 23.56, se bem que lá se leia “σάββατον” (*shabat*). As duas marias e Salomé compraram as especiarias no fim do dia da preparação para o feriado da Páscoa, entre 15 horas (quando Jesus é morto) e 18 horas (quando termina o dia da preparação e começa o feriado). Durante o feriado, abstiveram-se de qualquer trabalho. E, no primeiro dia após o feriado da Páscoa, ao nascer do sol, foram ao sepulcro de Jesus.

O *Textus Receptus*, por outro lado, faz parecer que elas compraram as especiarias depois que o feriado terminou, isto é, após as 18 horas do dia da Páscoa, para, em seguida, dirigirem-se ao sepulcro de Jesus, ao nascer do sol, na manhã depois do feriado.

Veja-se, agora, a passagem de Marcos 16.9 no *Textus Receptus*: “E havendo ressuscitado cedo no primeiro do *shabat* [σαββάτου], ele apareceu primeiro a Maria, a madalena, de quem ele lançou fora sete demônios” (Bíblia, Green, 2009, p. 169, vol. 4). Como se nota, essa perícopa traz o termo *shabat* no genitivo singular, não especificando se o feriado era semanal ou anual.

Porém, se se consultar Marcos 16.9 em *As Escrituras do Novo Testamento*, texto com aparato crítico, de Hermann von Soden (Bíblia, 1913, p. 232, vol. 2), ali se verá uma lista com vinte e dois manuscritos gregos que trazem *shabat* no genitivo plural (σαββάτων). Assim, nessas vinte e duas Bíblias, Marcos 16.9 registra a ressurreição no primeiro dia após o feriado da Páscoa, e não no domingo.

## 6. Argumentos em defesa do domingo

São três, os principais argumentos daqueles que defendem a ressurreição de Jesus Cristo no primeiro dia da semana:

I. O texto de Lucas 18.12 mostra que o grego σαββάτου significa ‘semana’ porque ninguém diz que jejuava duas vezes no *shabat*, isto é, duas vezes no mesmo dia.

---

<sup>13</sup> Genitivo plural de *sabbatô*.

II. Em Marcos 15.42, temos o vocábulo προσάββατον (*prosábbaton*), que também aparece na epígrafe de Salmos 92 (nosso 93) da *Septuaginta* (Bíblia, Brenton, 1900), e que indicaria o dia de sexta-feira, uma vez que há outros salmos destinados ao canto em alguns dias da semana — Salmos 23 (24, domingo), Salmos 47 (48, segunda-feira), Salmos 93 (94, quarta-feira), Salmos 91 (92, sábado).

III. No ano em que Jesus morreu, o *shabat* (sétimo dia da semana) coincidiu com o feriado da Páscoa, porque João afirmou que “era grande o dia daquele *shabat*” (Jo 19.31).

Entretanto, esses argumentos não são inabaláveis. Assim escreve o texto de Lucas 18.12 no *Textus Receptus*: “Eu jejuo duas vezes do *shabat* [τοῦ σαββάτου], eu dou o dízimo de todas as coisas, tanto quanto [as] obtenho” (Bíblia, Green, 2009, p. 251, vol. 4). Observe-se que, no grego, se tem a construção numeral mais genitivo, o que implica a expressão ‘após o’. Também se sabe que o judeu situava um período ou um evento a partir do dia de *shabat*. Aquele fariseu, portanto, jejuava duas vezes depois do *shabat*. E isso se confirma na *Didaquê* ou *O Ensino dos Doze Apóstolos* (cap. 8) e numa lei oral judaica registrada no Talmude, a respeito da validade dos votos de jejum feitos antes da promulgação da lei do jejum (*O Pergaminho do Jejum*) pelos fariseus. Confira-se:

Um indivíduo que aceitou sobre si [jejuar] toda segunda-feira e quinta-feira (e segunda-feira) do ano inteiro e nos feriados registrados no *Megillat Ta’anit*,<sup>14</sup> verifiquem-se sobre ele: se o voto dele precede nosso decreto, seu voto anulará nosso decreto; e se nosso decreto precede o voto dele, nosso decreto anulará seu voto (Noam, 2003, p. 344).

O *Textus Receptus*, assim se lê em Marcos 15.42: “E, agora, ocorrendo o entardecer, visto que era a preparação, que é o antessabá” (Bíblia, Green, 2009, p. 168, vol. 4). A cláusula “que é o antessabá” escreve-se no grego do seguinte modo: “ὁ ἔστιν προσάββατον”, transliterado, *ó estin prosábbaton*. Mas o grego *prosábbaton* não poderia ser usado para designar qualquer *shabat*, inclusive o *shabat* anual? Sim, porque σάββατον (singular) é como se escreve o hebraico *shabat*, que, no singular, designa tanto o feriado semanal quanto o feriado anual. Por isso, traduz-se προσάββατον por ‘o dia antes do *shabat*’ (Sophocles, 1914, p. 937; Bailly, 2020, p. 1985).

Desde que o texto de Marcos 16.2 declara que Jesus ressuscita no “primeiro [dia depois] dos *shabats*”, o texto de Marcos 15.42 não faz referência ao dia de sexta-feira (o dia antes do *shabat*), e a preparação ali mencionada relaciona-se com o feriado anual (*shabats*) da Páscoa, após o qual Jesus ressuscitou. O mesmo raciocínio vale para Mateus 27.62: “E, no dia seguinte, que é depois da Preparação, estavam reunidos os principais sacerdotes e os fariseus com Pilatos” (Bíblia, Green, 2009, p. 102, vol. 4). Mas que dia é esse que vem depois do Dia da Preparação? Ora,

---

<sup>14</sup> *Megillat Ta’anit* significa ‘Pergaminho do Jejum’. É uma lei farisaica que lista 35 dias em que Israel alcançara algum tipo de vitória. Esses 35 dias eram dias festivos, nos quais o Pergaminho do Jejum proibia o louvor aos mortos e o jejum. O *Pergaminho do Jejum* foi promulgado entre 41 e 70 d.C.

se Jesus ressuscitou no “primeiro [dia depois] dos *shabats*” (Mt 28.1), esse dia mencionado em Mateus 27.62 não é senão o feriado anual da Páscoa, o dia em que sacerdotes e fariseus (violando a lei do descanso sabático) se reuniram com Pilatos no intuito de pedirem que o sepulcro de Jesus fosse guardado por soldados. Então, o termo grego *prosábbaton* pode se referir tanto a um feriado anual quanto a um feriado semanal. E, no caso de Marcos 15.42, o vocábulo *prosábbaton* (antessabá) designa a véspera de um feriado anual.

Além disso, a cláusula *ó estin prosábbaton* não pertence à tradição mais antiga do Evangelho. É uma cláusula adulterina. Assim se afirma com fundamento no texto da *Vetus Latina*, que é uma tradução da Bíblia, do grego para o latim, anterior à *Vulgata Latina* (ano 405), de Jerônimo de Strídon, e que foi feita de manuscritos gregos anteriores aos que chegaram até aos dias de hoje.

A *Vetus Latina* na edição de Pierre Sabatier (Bíblia, 1751, p. 246, vol. 3) não registra a expressão *ante sabbatum* (προσάββατον, em latim) em Marcos 15.42. Do mesmo modo, alguns manuscritos da *Vetus Latina* também não registram a expressão *ante sabbatum*. Quanto à perícopie em questão, veja-se sua redação em dois manuscritos da *Vetus Latina*:

**Et cum sero esset factum (quod est parasceve sabbati),**

E como quase noite fosse a se fazer, porque é a preparação do *shabat*,

(Bíblia, Belsheim, *Vetus Latina*, *Codex Colbertinus*, c. ano 1200, Marcos 15.42).

**Serum autem cum factum esset cene pure sabbati,**

Quase noite, porém, como a se fazer fosse, da ceia santa do *shabat*,

(Bíblia, Wordsworth, *Vetus Latina*, *Codex Bobiensis*, c. ano 400, Marcos 15.42).

Com tanto mais razão porque, na consulta a essa mesma passagem em *As Escrituras do Novo Testamento*, texto com aparato crítico, de Hermann Freiherr von Soden (Bíblia, 1913, p. 230, vol. 2), vê-se a referência a dois manuscritos gregos que omitem a cláusula “ὁ ἔστιν προσάββατον”. E um terceiro manuscrito escreve “καὶ ἐγένετο ἐν τῷ σαββάτῳ”. Em suma, não se pode afirmar que Jesus foi executado na sexta-feira porque *prosábbaton* também pode referir-se a um feriado anual, e porque várias Bíblias (gregas e latinas) não empregam essa palavra.

Há ainda quem sustente que, no ano em que Jesus foi executado, o feriado semanal do sétimo dia da semana coincidiu com o feriado anual da Páscoa. Nesse sentido, ao comentar João 19.31, Albert Barnes pontifica *ad baculum* ou *ex cathedra*: “Era chamado de alto dia porque, naquele ano, a Festa da Páscoa começou no *shabat*. No grego: ‘grande dia’” (1850, p. 385, vol. 2). Pois o evangelista João declarou: “Era grande o dia daquele *shabat*” (Jo 19.31). Ou seja, o *shabat* era grande porque o *shabat* semanal supostamente coincidiu com o *shabat* anual da Páscoa.

Esse argumento, todavia, está destituído de fundamento. Quando o evangelista João vincula o atributo de ‘grande’ a um feriado, ele quer dizer que o feriado era anual. Confira-se o

relato joanino sobre a Festa das Tendias em João 7. O versículo 10 registra que Jesus de Nazaré subiu a Jerusalém para participar dessa festa anual. A lei obrigava todo judeu a comparecer em Jerusalém na Festa das Tendias, na Festa do Pão Ázimo e no Pentecostes (Dt 16.16). O primeiro e o último dia da Festa das Tendias eram feriados (Lv 23.35-36).

O versículo 14 menciona que a festa já estava na metade de seu período. A partir de João 7.37, temos o discurso de Jesus no último dia da Festa das Tendias. João começa a registrar os acontecimentos desse último dia de festa nos seguintes termos: “No último dia, o grande dia da festa” (João 7.37). Note-se que a Festa das Tendias durava sete dias (Dt 16.13). Dentre os sete dias de festa, o primeiro e o último dia eram grandes, porque eram exatamente os dias de feriado anual.

Volta-se, assim, para o texto de João 19.31, no grego: “Então, os judeus, porque era a preparação, para que os corpos não permanecessem na cruz, no *shabat* [σαββάτω]” (Bíblia, Green, 2009, p. 356, vol. 4). Observe-se que o termo *shabat* está no singular. Pode designar um feriado semanal ou anual. O evangelista João, entretanto, deseja delir toda dúvida. Logo, ele acrescenta: “Pois era grande o dia daquele *shabat* [σαββάτου]”. João, assim, qualifica aquele *shabat* com o atributo de grande, no grego μέγας (*mégas*) — grande, alto, de grande importância, forte, poderoso. Seu propósito era dar ao leitor a certeza de que aquele *shabat* era um *shabat* anual, isto é, era o feriado da Páscoa, a Alta Páscoa, o primeiro dia da Festa do Pão Ázimo.

Faz-se notar aqui que o ensino dos primeiros pais da Igreja igualmente anula os argumentos dos defensores do domingo. À guisa de exemplo, cita-se Inácio de Antioquia (c. 35 – c. 108 d.C.), que aponta a cronologia da morte e ressurreição de Jesus:

No dia da preparação, portanto, à hora terceira, ele recebeu a sentença de Pilatos pela permissão do Pai. À hora sexta, ele foi fixado à estaca [ἐσταυρώθη, *estayrōthē*];<sup>15</sup> e, à hora nona, ele expirou. Antes do pôr do sol, ele foi sepultado. No feriado [σάββατον], ele permaneceu sob a terra, naquela tumba em que José de Arimateia o depositou. No alvorecer do dia do Senhor, ele ressurgiu dos mortos conforme ele mesmo disse: “Assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande monstro marinho, do mesmo modo o filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra”. Logo, o dia da preparação contém a paixão; o feriado [σάββατον], a inumação; e o dia do Senhor, a ressurreição (Migne, PG 5:789; Whiston, 1711, p. 219-221, vol. 1).

(Inácio de Antioquia, *Carta aos Tralianos*, 9, na versão maior)<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> No antigo idioma grego, o ato de fixar à estaca (σταυρώω) compreende o estaqueamento e a empalação. A tradução dependerá do contexto. Uma vez que, aqui, não há menção de cordas ou pregos (indicativos de estaqueamento), nem o emprego do verbo πήγνυμι (transliterado: *pēgnymi*; ‘empalar’, ‘espetar’), optou-se por não especificar de que modo Jesus foi fixado na estaca.

<sup>16</sup> Há pelo menos duas versões para as cartas de Inácio de Antioquia. Uma, maior ou longa; outra, menor ou curta. Esposamos o entendimento do doutor William Whiston (1711, p. 93, 101; vol. 1) segundo o qual a versão maior é o texto original, e a versão menor é um resumo adulterado do texto original. No Cristianismo primevo, era prática comum que os escritores eclesíasticos forjassem livros cuja autoria era atribuída a Jesus e aos apóstolos ou, ainda, que adulterassem livros cristãos (Daillé, 1842, p. 33, 40, 43; Ehrman, 2012, *passim*). Era a aplicação daquele princípio satânico que diz: os fins justificam os meios.

Observa-se que Jesus Cristo não ressuscita no primeiro dia da semana. O dia da ressurreição é chamado de “dia do Senhor”<sup>17</sup>, que, segundo Inácio, ocorre após o *shabat* (σάββατον), um feriado semanal ou anual. O pai Inácio não foi específico. Mas todos os evangelistas o foram quando explicitamente indicaram que esse feriado era um *shabats* (σαββάτων), um dia grande, ou seja, era um feriado anual.

## 7. A prática congregacional dos primeiros cristãos

O modo de vida proposto pelo Evangelho teve início entre os judeus. Semelhantemente aos povos vizinhos, o povo judeu tinha um feriado semanal, que, no tempo de Jesus, era empregado no estudo da Escritura Sagrada, nas sinagogas. Natural, portanto, que os apóstolos aplicassem os institutos da sinagoga à Igreja do período apostólico (Baxter, 1985, p. 36, vol. 5; Neander, 1850, p. 255, vol. 1), dando início à criação de uma religião, o Cristianismo.

Os ofícios de presbítero (bispo), diácono e anjo da congregação<sup>18</sup> (o pregador, o mensageiro), todos da sinagoga, passaram para a igreja dos apóstolos (1 Tm 3.1, 8; 1 Tm 5.17). Quanto ao nome, o anjo da congregação (da sinagoga) passou a anjo da igreja (Ap 2.1, 8, 18), (Baxter, 1985, p. 36, vol. 5; Tognini, 1992, p. 148-149). Logo, por semelhante modo, como os judeus se reuniam no *shabat*, os primeiros cristãos, que também eram judeus, igualmente congregariam no *shabat* (Bingham, 1834, p. 41, vol. 7), como também se reuniam anualmente<sup>19</sup> no dia em que Jesus Cristo ressuscitou. E assim se deu conforme atestam os pais da Igreja.

Inácio (c. 35 – c. 108 d.C.), bispo de Antioquia (Síria), ensina que os primeiros cristãos guardavam o *shabat*. Ele também mostra que a expressão “dia do Senhor” (Ap 1.10) quer dizer o festejado dia da ressurreição de Jesus, ou seja, um dia anual de festa, e não o domingo. Veja-se:

[...]. Portanto, não guardemos mais o *shabat* segundo o costume judaico, nem nos regozijemos com os feriados [ἀργιαίς]. Pois dizem os oráculos: “Aquele que não trabalha, não coma” [2 Ts 3.10]; e “do suor de teu rosto comerás teu pão” [Gn 3.19]. Mas **que cada um de vós guarde o *shabat*** de uma maneira espiritual, regozijando-vos em meditar na Lei, e não no lazer do corpo. Admirando a criação de Deus. Não comendo coisas preparadas no dia anterior, nem

---

<sup>17</sup> No mesmo sentido, queira o leitor conferir as *Constituições Apostólicas*, 7.30, que diz: “No dia da ressurreição do Senhor, isto é, o dia do Senhor, congregai-vos sem falha, dando graças a Deus [...]” (Roberts; Donaldson, 1870, p. 189, vol. 17).

<sup>18</sup> Em hebraico é *shaliach tzibur*, mensageiro, anjo ou emissário (de Deus aos membros) da congregação. Queira ver *The Oxford English Dictionary*, editado por Simpson e Weiner, 1989, volume 1, p. 458, verbete *angel*, item II.3, que chama o ministro da sinagoga de “*angel of the congregation*”, “anjo da congregação”. Disponível em: <<https://archive.org/details/oxfordenglishdic01oxfo>>. Acesso em: 18 fev. 2024. Também em Tognini, 1992, p. 148-149, referenciado acima.

<sup>19</sup> Sobre o “dia do Senhor”, em Ap. 1.10, Joseph Bingham (1834, p. 10, vol. 7) ensina: “O qual não pode significar o *shabat* judeu, pois então ele o teria chamado assim; nem [quer dizer] qualquer outro dia da semana, pois isso teria sido ambíguo, mas o dia no qual Cristo ressuscitou dos mortos, [...]”.

bebendo coisas mornas, nem caminhando até a uma determinada distância, nem se deleitando em danças e aplausos, que não possuem sentido algum em si mesmos. E, **depois** [μετὰ, *metà*] **da observância do shabat, que todo amigo de Cristo celebre com festa o dia do Senhor, o dia da ressurreição**, a rainha e o principal de todos os dias. [...]. (Migne, PG 5:768-769; Whiston, 1711, p. 179-181, vol. 1). (Grifo nosso).

(Inácio de Antioquia, *Carta aos Magnésios*, 9, na versão maior)<sup>20</sup>.

Entretanto, é possível que a igreja em Roma tenha sido a primeira a adotar o dia do Sol como dia de assembleia, porque Justino Mártir (c. 100 – 165 d.C.) assim o relatou. Em sua obra *Primeira Apologia*, escrita em Roma por volta do ano 156 d.C., Justino afirma o seguinte:

E no dia chamado [dia] do Sol, todos os que habitam nas cidades ou na área rural se reúnem num só lugar, e as memórias dos apóstolos e os escritos dos profetas são lidos tanto quanto o tempo permita; então, quando se termina de ler, o presidente, por meio de palavras, faz uma exortação e um desafio à imitação dessas boas coisas. [...]. De fato, o [dia] do Sol é o dia no qual nós fazemos nossa reunião em comum, porque é o primeiro dia em que Deus, tendo alterado a escuridão e a matéria, fez o mundo; e é o dia em que Jesus Cristo, nosso salvador, ressurgiu dos mortos. Pois eles o fixaram à estaca [ἔσταύρωσαν] no dia anterior ao [dia] de Saturno; e no dia após o [dia] de Saturno, que é o dia do Sol, tendo aparecido a seus apóstolos e discípulos, ele ensinou essas mesmas coisas que vos entreguei para [vossa] verificação (Migne, PG 6:429-431).

(Justino Mártir, *Primeira Apologia*, 67).

Por outro lado, em Alexandria (Egito), Orígenes (c. 185 – 253 d.C.) confirma que o sábado era o dia em que os primeiros cristãos se reuniam para os atos de culto:

Abandonando, portanto, a observância do *shabat* judaico, que tipo de observância do *shabat* é esperada dos cristãos? Vejamos. No dia de *shabat*, nenhuma atividade secular deve ser realizada. Se, por conseguinte, desistindo de todos os trabalhos seculares e fazendo nada mundano, mas estando livres para os trabalhos espirituais, vós congregais na igreja, e ouvis as leituras e preleções divinas, e pensais nas coisas celestiais, e atentais na vida futura, e mantendes diante de vossos olhos o julgamento vindouro, e desdenhais as coisas presentes e visíveis em favor das futuras e invisíveis, essa é a observância do *shabat* cristão (Migne, PG 12:749-750).

(Orígenes de Alexandria, *Homília em Números*, 23.4).

---

<sup>20</sup> Na versão menor, o capítulo 9 diz em sua inteireza: “Se, então, aqueles que foram educados segundo as velhas coisas alcançaram nova esperança, não mais guardando o *shabat*, mas vivendo de acordo com a [vida] do Senhor, na qual nossa vida também surgiu mediante ele e sua morte — a quem alguns negam —, o mistério por meio do qual nós tomamos posse da fé, e por meio do qual nós perseveramos, para que possamos ser achados discípulos de Jesus Cristo, de nosso único mestre. Como, então, seremos capazes de viver sem ele, por quem os próprios profetas, que foram seus discípulos em espírito, aguardaram como seu mestre? E, por isso, ele a quem eles fielmente aguardaram, manifestando-se, os fez se levantarem dos mortos” (Ignatius, 2003, p. 249-251, vol. 1), (Inácio de Antioquia, *Carta aos Magnésios*, 9.1-2, na versão menor).

Num texto dos anos 300 d.C., (pseudo)Atanásio (c. 296 – 373 d.C.), pai da Igreja e bispo de Alexandria (Egito), explica que, embora os cristãos congregassem no sétimo dia da semana, eles não estavam contaminados com o Judaísmo. Veja-se:

No dia do *shabat*, nós congregamos não estando contaminados com o Judaísmo, pois não nos apegamos aos falsos *shabats*, mas nos apresentamos no *shabat* para adorar Jesus, o Senhor do *shabat*. Pois, na Velha [Aliança], houve entre os antigos o distinto *shabat*, porém o Senhor mudou o dia de *shabat* para o [dia] do Senhor; e não somos os únicos a desprezar o *shabat*, mas o profeta é aquele que o lançou fora e disse: “Vossas luas novas e *shabats*, minha alma odeia” [Is 1.13] (Migne, PG 28:144).

(Pseudo Atanásio, *Homília da Semente*, 1).

No decurso do tempo, os pais da Igreja decidiram romper os vínculos com o Judaísmo. Nesse propósito de fazer com que o Cristianismo gentio (helenizado) se desvinculasse totalmente do Cristianismo de Jerusalém,<sup>21</sup> forçou-se a cristandade a mudar o dia de assembleia.

Roma deixara o calendário lunissolar para trás e, no ano 45 a.C., instituíra o calendário solar como padrão para a contagem dos dias do ano. Era o calendário juliano. Roma já praticava o feriado semanal (feira), mesmo no calendário lunissolar, com a semana de oito dias, incluído nela o dia de feira (*nundinae*) ou feriado (Lamont, 1919, p. 588; Nunes Junior, 2022, p. 18-19; Smith, 1849, p. 815-816, verbete *nundinae*). Esse dia era reservado para o mercado, para as assembleias, para julgamentos na corte, mas também era um dia sagrado, em que, no Palácio Real, se feria (sacrificava) um carneiro em culto a Júpiter<sup>22</sup> (Greswell, 1854, p. 357-360, vol. 2; Macrobius, 1969, p.110-111).

A semana de oito dias permaneceu no calendário juliano. Os dias da semana eram nomeados conforme os nomes das cidades em que ocorriam as feiras de uma dada região (Bultrighini; Stern, 2021, p. 12; Leroux, 2020, p. 117-119). Entretanto, em algum ponto no final do século I a.C., iniciando pela Roma Ocidental, os sete dias entre uma e outra feira começaram a receber os nomes de astros celestes: primeiro, Saturno, e depois o Sol, a Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter e Vênus. Vale dizer, o dia de Saturno era o primeiro dia da semana. Depois, em meados

---

<sup>21</sup> O teólogo e sociólogo Reza Aslan (2022, p. 221-229) delinea as diferenças entre esses dois Cristianismos, revelando a disputa entre Paulo (representante do Cristianismo helenizado) e Tiago (irmão de Jesus e representante do Cristianismo de Jerusalém), que se viam um ao outro como heréticos. Segundo Aslan (2022, p. 281), os cristãos que seguiam os ensinamentos de Tiago, eram chamados de ebionitas, dos quais Paulo tanto reclamou (Gl 1.7; Gl 2.4; Gl 6.12; Tt 1.10; At 15.1). Os ebionitas também são conhecidos como judaizantes. Nessa disputa, venceu o Cristianismo paulino (helenizado). Quanto à diferença entre os dois Cristianismos, Reza Aslan ressalta o seguinte: para Paulo, o cristão não deve observar a Torá (o pentateuco; At 21.21; Rm 10.4), e a salvação é somente pela fé, sendo as obras irrelevantes para isso (Gl 2.16; Rm 3.28); para Tiago, deve-se cumprir a lei, isto é, a Torá (At 21.20; Tg 1.25; Tg 2.7-11), e a salvação é pela fé e pelas obras (Tg 2.14-26).

<sup>22</sup> Macrobius, *Saturnalia*, 1.16.30-35.

do século II, o império romano começou a praticar a semana de sete dias, mantendo-se os nomes planetários para cada um desses sete dias (Bultrighini; Stern, 2021, p. 14-15, 21, 26).

No início do século IV, o Cristianismo já se tornara uma religião poderosa. Jesus Cristo era o novo Sol. O imperador Constantino I era um devoto do Deus Sol Invicto,<sup>23</sup> mas se tornou simpático à religião cristã. Então, em 3 de março do ano 321, esse imperador emitiu uma lei que fixou o feriado semanal de Roma no dia do Sol (Bultrighini; Stern, 2021, p. 40). O dia de Saturno, então, veio a ser o último dia da semana, enquanto o dia do Sol passou a ser o primeiro dia da semana, um dia sagrado, um dia de festa, o dia de feriado semanal.

Seguindo esse movimento imperial, é de se observar que, a partir do século IV, já se tem evidência de que a expressão ‘dia do Senhor’ deixou de ser um dia anual e começou a assumir o significado de primeiro dia da semana. Além disso, nesse mesmo período, a liderança eclesiástica já ensinava que, na Nova Aliança, a obrigação de congregar no dia de *shabat* foi transferida para o dia do Sol (primeiro dia da semana), também havendo o registro de que cristãos congregavam no primeiro dia da semana. É o que ensina Eusébio de Cesareia (c. 263 – c. 340 d.C.), pai da Igreja, em seu comentário ao Salmo 92, composto para ser cantado no dia de *shabat*. Confira-se:

Deves tu ver, então, o quanto **a presente palavra te exorta a fazer no dia da ressurreição** [ἀναστάσεως ἡμέραν]. O salmo está então escrito: “Para o dia de *shabat*”. Mas também os sacerdotes, no santuário, no *shabat*, fizeram muitas outras coisas de acordo com a Lei. Não se lhes ordena, portanto, que façam nada em absoluto. O dia de *shabat* nem mesmo foi prescrito para os sacerdotes, de sorte que apenas [foi prescrito] para aqueles que não podiam dedicar todo o tempo de suas vidas ao serviço [λατρείᾳ] de Deus e às obras que lhe são caras. Por isso, a esses foi ordenado por lei que o fizessem intervaladamente. Mas àqueles que, no *shabat*, se entregam à glotonaria, à embriaguez e a toda sorte de licenciosidade, Deus dirige ameaças por meio do profeta, dizendo: “Os que se agarram a falsos *shabats*”;<sup>24</sup> e mais uma vez: “As vossas luas novas, e os *shabats* [σάββατα], e um **dia grande** [καὶ ἡμέραν μεγάλην], já não posso tolerar”<sup>25</sup>. Devido a essas rejeições, **mediante o Novo Testamento, a Palavra**

<sup>23</sup> Em várias de suas moedas, Constantino I estampou a seguinte dedicatória: “*Soli Invicto Comiti*”, “ao companheiro Sol Invicto”. Queira ver uma dessas moedas em: <<https://www.britishmuseum.org/collection/image/659718001>>. Acesso em 19 fev. 2024.

<sup>24</sup> Amós 6.3, na *Septuaginta* (Bíblia, Brenton, 1900).

<sup>25</sup> **Em Isaías 1.13 (Bíblia, Septuaginta, Brenton, 1900), o feriado anual é chamado de dia grande.** Ao comentar esse versículo, o presbiteriano Joseph Addison Alexander (1809 – 1860), professor universitário e especialista em hebraico, oferece sua tradução e ensina: “*Incenso é uma abominação para mim: [também o são] a lua nova, o shabat, e o chamado de convocação*” [Is 1.13, no hebraico] – naqueles períodos, ou nas festas anuais, que então são distintamente mencionadas com as festas semanais e as festas mensais” (Alexander, 1992, p. 87). E, nesse mesmo trecho, explicando sobre “a convocação de assembleia” (אָרְבֵּי אֲרָבָה, em Is 1.13), George Gray (1912, p. 25) cita “καὶ ἡμέραν μεγάλην” (“e um dia grande”), o texto da *Septuaginta*, compara-o com João 7.37, e diz “*et festivitates alias*”, “e festas de outros períodos”. Logo, o texto de Isaías 1.13 menciona os três tipos de festa em Israel: a festa semanal (o *Shabat*), a festa mensal (a Festa da Lua Nova, Nm 10.10; Nm 28.11; Is 66.23; Ez 46.1; Am 8.5), e as festas anuais (um Grande Dia, um chamado de convocação). O texto de 2 Crônicas 8.13 apresenta a mesma estrutura de Isaías 1.13, listando a festa semanal, a festa mensal, e as festas de peregrinação, que são feriados anuais (dias grandes).

transferiu a festa do *shabat*, mudando-a para o nascente da luz, e nos transmitiu a imagem do verdadeiro descanso, o [dia] salvífico, o [dia] do Senhor e o primeiro dia de luz, no qual o Salvador do mundo, depois de todas as obras feitas entre os homens, tendo obtido vitória sobre a morte, atravessou os portões do céu para além da criação do mundo que ocorreu em seis dias, para receber o *shabat* adequado a um Deus e o descanso mais bem-aventurado, tendo-lhe dito o Pai: “Assenta-te à minha direita, até que eu faça dos teus inimigos o escabelo de teus pés”<sup>26</sup>. Nesse, que é o [dia] da luz, o [dia] primeiro, o dia do verdadeiro Sol, nós também nos reunimos no intervalo de seis dias intercalares, celebrando *shabats* santos e espirituais, nós os que fomos resgatados por ele dentre as nações de toda a terra habitada. E o que a Lei ordenava aos sacerdotes a fazer no *shabat*, nós realizamos cabalmente segundo a lei espiritual (Migne, 23:1169b-1169d; Eusebio, 2004, p. 266, vol. 2). (Grifo nosso).

(Eusébio de Cesareia, *Comentário no Salmo 91*, v. 2-4, da *Septuaginta*).

Novamente observando o movimento solar, os líderes cristãos proibiram as reuniões no dia de *shabat* e determinaram que o culto cristão passasse a ocorrer no dia do Senhor, uma expressão que, agora, indicaria um dia semanal, o primeiro dia da semana, o dia do Sol. Não se emite uma lei para proibir o que não é praticado. Isso ocorreu por volta do ano 364, quando cerca de apenas trinta padres se reuniram no Sínodo de Laodiceia (Frígia, hoje Turquia) para editar essa lei, que também punia com a excomunhão quem quer que congregasse no sétimo dia da semana. Veja-se:

Porque os cristãos não devem judaizar e estar ociosos no *shabat*, mas devem trabalhar nesse mesmo dia. E também preferindo em adoração o dia do Senhor se quiserem estar ociosos, porque é desse modo que os cristãos fazem. Porém, se forem encontrados judaizando, que sejam excomungados de Cristo (Hardouin, 1715, coluna 785, tomo 1).

(Sínodo de Laodiceia, *cânon 29*, cerca do ano 364, na tradução latina de Dionísio Exíguo).

Ao que parece, essa lei não encontrou abrigo no coração do povo. Porque, por volta do ano 400 d.C., os cristãos ainda se reuniam no festival do *shabat* e no dia anual da ressurreição (na semana do Ázimo), isto é, no sétimo dia da semana e no primeiro dia após o feriado da Páscoa. É o que relata Sócrates Escolástico (c. 380 – c. 445 d.C.), historiador da Igreja. Confira-se:

Os arianos, como eu disse, faziam as assembleias fora da cidade. Então, **quando ocorriam os festivais de cada semana — digo exatamente, o *shabat* — e também o do Senhor, nos quais as reuniões tinham o costume de ocorrer nas igrejas**, congregando dentro dos portões da própria cidade, junto às colunatas, eles cantavam hinos responsivos e compostos em favor da ideia ariana (Migne, PG 67:688-689). (Grifo nosso).

(Sócrates Escolástico, *História Eclesiástica*, 6.8).

<sup>26</sup> Salmos 109.1, na *Septuaginta* (Bíblia, Brenton, 1900).

Porém, à medida que a Igreja Institucional adotava os princípios, as doutrinas e os rituais da religião pagã (Mosheim, 1832, p. 30-89, vol. 1) e se aliava ao Império Romano,<sup>27</sup> o dia de reunião mudou do sétimo dia da semana (*shabat*) para o primeiro dia da semana, o dia do Sol; e o dia anual da ressurreição passou do primeiro dia após o feriado da Páscoa<sup>28</sup> para o primeiro dia da semana, o dia do Sol na Páscoa. Essa mudança é atestada pelo historiador eclesiástico Sozomeno (c. 400 – c. 450 d.C.). Leia-se:

Mas, decerto, nem todas as assembleias são celebradas no mesmo tempo ou da mesma forma. Assim, por exemplo, em Constantinopla bem como em quase todo lugar, eles realizam a assembleia no *shabat* e, de modo semelhante, no primeiro [dia depois] do *shabat*. Em Roma e também Alexandria, não mais. Porém, em muitas cidades e vilas no Egito — à exceção do costume estabelecido, comum a todo povo —, estando congregados no anoitecer do *shabat*, eles partilham dos mistérios<sup>29</sup>, embora já tenham feito a refeição do meio-dia (Migne, PG 67:1477).

(Sozomeno, *História Eclesiástica*, 7.19).

A mudança do dia de assembleia cristã, do sétimo dia da semana (o dia de *shabat*) para o primeiro dia da semana (o dia do Sol), teve início a partir dos grandes centros, como sói acontecer em qualquer mudança social. Segundo Sozomeno, no ano 450, os cristãos de Roma e Alexandria (Egito) já habitualmente congregavam no primeiro dia da semana, fosse no culto semanal, fosse no culto anual da ressurreição. Mas, nas vilas do Egito e em Constantinopla, as assembleias cristãs semanais ainda ocorriam no dia de *shabat*.

<sup>27</sup> Enquanto Jesus de Nazaré ensinou que cada um deve obedecer a sua própria consciência — “E, no mesmo dia, vendo alguém trabalhando no *shabat*, [Jesus] disse-lhe: Homem, se verdadeiramente sabes o que estás fazendo, és bem-aventurado; se, porém, não sabes, és maldito e transgressor da lei” (Lc 6.5; BÍBLIA, *Vetus Latina, Codex Beza Cantabrigiensis*, 1864, p. 183) —, Paulo de Tarso disse aos cristãos em Roma que eles deviam obedecer ao Império Romano, que executou Jesus — “Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores” (Rm 13.1; Bíblia, Green, 2009, p. 503, vol. 4) —, e a primeira epístola universal atribuída a Pedro ordena a todos os cristãos que obedeçam a seres humanos: “Sede obedientes a toda instituição humana, por causa do Senhor, seja ao rei, como ser supremo, seja aos governadores, como enviados por meio dele” (1 Pe 2.13; Bíblia, Green, 2009, p. 708, vol. 4). Segundo o raciocínio do apóstolo Paulo (Rm 13.2), Jesus Cristo agiu contra Deus porque ele se opôs às autoridades judaicas e romanas.

<sup>28</sup> Também foi gradual, essa mudança do dia de celebração da Páscoa cristã. Os primeiros cristãos festejavam a Páscoa no dia 14 de nisan, junto com a Páscoa dos judeus. Depois, esses cristãos foram chamados de quartodecimanos. A igreja em Roma talvez tenha sido a primeira a festejar a Páscoa no dia do Sol seguinte ao dia 14 de nisan. É dito assim porque, no fim do século II, o bispo dessa igreja tentou obrigar todos os cristãos a celebrar a Páscoa nesse dia do Sol (Bacchiocchi, 1977, p. 198-204). A disputa entre quartodecimanos e defensores da Páscoa no dia do Sol durou até o Concílio de Niceia (ano 325), quando o imperador Constantino I determinou que toda a cristandade celebrasse a Páscoa cristã num mesmo dia. Os líderes cristãos, então, estabeleceram que a Páscoa fosse celebrada no dia do Sol após a primeira lua cheia seguinte ao equinócio de outono (Hefele, 1894, p. 317-325, vol. 1). A Páscoa cristã, então, tornou-se astrológica.

<sup>29</sup> A santa ceia cristã, ou eucaristia, era chamada de ‘mistério’ por influência dos antigos cultos de Mistério, a Maçonaria daquela época (Lyra, 1953, p. 179), que já celebrava uma santa ceia (Cumont, 1903, p. 158; Angus, 1925, p. 123, 127-131), uma delas com pão e vinho, antes do surgimento do Cristianismo.

## 8. Conclusão

A Bíblia em grego antigo afirma que Jesus ressuscitou no primeiro (dia depois) do *shabats*. Essa é uma palavra do idioma hebraico. Seja o feriado do sétimo dia da semana, seja um feriado anual, o Antigo Testamento designa os feriados israelitas de *shabat* (singular), palavra que, por isso, significa ‘feriado’. E os feriados eram dias festivos em Israel.

Veio a ocorrer que o povo grego dominou o mundo oriental. E o dialeto ático tornou-se o dialeto comum (*koinē*) do povo, porque era o dialeto empregado nos documentos imperiais gregos. O vocábulo *shabat* passou, então, para o grego comum na escrita *σάββατον* (*sábbaton*), aqui no número singular. Fosse o hebraico *shabat*, fosse o grego *σάββατον*, ambos significam apenas ‘feriado’ (festival religioso, dia de ócio), e jamais ‘semana’. Os dois termos, *shabat* e *σάββατον*, designavam todos os feriados da nação israelita, tanto o feriado semanal (sétimo dia da semana) quanto os feriados anuais.

Todavia, os gregos tinham uma particularidade. Seus festivais anuais eram frequentemente nomeados pelo número plural, embora dissessem respeito a uma única festa. Então, não se dizia: venha ao meu aniversário; dizia-se, sim: venha aos meus aniversários. E assim se convidava para uma única festa. Por isso, os feriados anuais do povo judeu, quando referidos no idioma grego, eram ditos na forma plural, conquanto remetessem a um único evento. Desse modo, na menção de um feriado anual do povo judeu, o falante do grego comum empregava o número plural, e ele escrevia *σαββάτων* (genitivo plural), por exemplo, conquanto se referisse a um único *shabat*.

Se a língua grega tinha suas peculiaridades, o idioma hebraico também possuía idiossincrasias. Enquanto as nações gentias honravam seus Deuses ao consagrar-lhes os dias da semana, os judeus jamais teriam prática semelhante. Somado a isso, o *shabat* (semanal ou anual) era o dia mais importante do calendário judeu. Assim, para nomear os dias da semana, o judeu passou a contá-los em relação ao feriado semanal. Os dias da semana recebiam estes nomes em Israel: primeiro-*shabat*, segundo-*shabat*, terceiro-*shabat*, quarto-*shabat*, quinto-*shabat*, sexto-*shabat* e *shabat*. Ou seja, os judeus posicionavam um período no tempo sempre em relação a um *shabat*.

No antigo grego comum, os nomes dos dias da semana em Israel eram dados pela combinação de numeral mais *shabat* no caso genitivo, subentendendo-se a expressão ‘dia depois de’, como quem diz ‘primeiro dia depois do *shabat*’, ‘segundo dia depois do *shabat*’, e assim por diante. Porque a semana era contada a partir do feriado semanal (*shabat*), também era comum ao judeu fixar um evento no tempo a contar de um feriado anual (*shabats*), usando igualmente o caso genitivo.

Daí, dizer a Bíblia em grego antigo que Jesus ressuscitou no primeiro dos *shabats*, vale dizer, no primeiro dia depois de um feriado anual. E a Bíblia em grego não especifica o dia da semana. Sendo certo que, no tempo de Jesus, ainda vigia em Israel o calendário lunissolar, no

qual os feriados, ainda que tivessem data certa, não ocorriam num dia semanal fixo. A cada ano, os festivais caíam em diferentes dias da semana (Zeitlin, 1973, p. 188-189, 191, 370-371; vol. 1).

Os primeiros cristãos eram judeus. Por conseguinte, foi natural que eles começassem a congregar no dia de *shabat*, o sétimo dia da semana, pois este era o dia destinado ao estudo da Escritura Sagrada nas sinagogas. Isso é atestado pelos pais da Igreja.

Aliás, esses pais afirmaram que os primeiros cristãos também se reuniam no dia anual em que Cristo ressuscitou. Desde que, segundo a Bíblia em grego antigo, Cristo ressuscitou no primeiro dia após o feriado da Páscoa, e não no domingo, é difícil sustentar que a expressão “dia do Senhor” (Ap 1.10) signifique ‘domingo’. Com efeito,

Uma terceira interpretação,<sup>30</sup> à qual não tem sido dada adequada atenção pela maioria dos estudantes do Novo Testamento, é que “o dia do Senhor” se refere aos Ázimos [*Pascha*] cristãos, a celebração anual da ressurreição de Cristo, que mais tarde veio a se chamar ‘Páscoa’ [*Easter*]. É inteiramente possível que as mais remotas referências nos escritores pós-canônicos a “o dia do Senhor” não se referem em absoluto a uma observância semanal, mas, [sim], a uma celebração anual do Dia da Ressurreição (Specht, 1982, p. 126-127).

Seguindo a mudança de calendário determinada pelo Império Romano, isto é, do calendário lunissolar para o solar, e observando a preeminência do Deus Sol, a Igreja também começou a mudar seu dia de assembleia em meados do século II. Por fim, o culto cristão semanal, que no início era realizado no *shabat*, passou a ser celebrado no dia do Sol, o primeiro dia da semana (domingo). E o culto cristão anual, que era inicialmente celebrado no dia da ressurreição de Cristo (no primeiro dia após o feriado judeu da Páscoa, ou seja, sem dia semanal fixo), passou a ser realizado no primeiro dia do Sol após o feriado judeu da Páscoa e, depois do Concílio de Niceia (ano 325), passou para o dia do Sol após a primeira lua cheia seguinte ao equinócio de outono.

Posto tudo isso, é forçoso concluir que a moderna Bíblia em português oferece o atual Cristo da Igreja Institucional, que ressuscitou no dia do Sol, o domingo. Por outro lado, a Bíblia em grego *koinē* e as primeiras edições das Bíblias da Reforma Protestante apresentam um Cristo mais antigo. Essas últimas Bíblias apresentam um Cristo que ressuscitou no primeiro dia após o feriado anual da Páscoa, sem especificar o dia da semana.

---

<sup>30</sup> Walter Specht aponta outras duas interpretações para “o dia do Senhor”: uns eruditos creem que seja o domingo; outros, que seja o Dia do Julgamento no final dos tempos (1982, p. 126). Também queira ver o artigo “O Dia do Senhor” de *Apocalipse 1.10 no Debate Atual*, de Ranko Stefanovic (2011). Ele indica as correntes de pensamento a respeito da expressão “o dia do Senhor”, que poderia ser: o domingo, o domingo anual da Páscoa, o Dia do Imperador na Roma Imperial, o *shabat*, e o Dia do Julgamento no final dos tempos. E sucintamente mostra as dificuldades enfrentadas por quem defende cada uma dessas correntes de pensamento. Samuele Bacchiocchi faz o mesmo em seu livro *Do Shabat para o Domingo* (1977, p. 111-131).

## Referências Bibliográficas

ALEXANDER, Joseph Addison. **Commentary on Isaiah**. Introduction by Merrill F. Unger. 2 volumes complete in 1. Grand Rapids: Kregel, 1992. Disponível em: <<https://archive.org/details/commentaryonisai0000alex>>. Acesso em: 21 fev. 2024.

ALMEIDA, João Ferreira Annes de. **Diferença d'a christandade**. 1.<sup>a</sup> edição. Nova Batávia: Henrique Brando e Joã Bruyningo, 1668. Disponível em: <[https://www.e-rara.ch/bau\\_1/content/titleinfo/9341193](https://www.e-rara.ch/bau_1/content/titleinfo/9341193)>. Acesso em: 16 fev. 2024.

ALVES, Herculano. **A Bíblia de João Ferreira Annes de Almeida**. Orientador: José Manoel Sánches Caro. 2004. 878 folhas. Tese (Doutorado em Teologia Bíblia). Faculdade de Teologia, Universidade Pontifícia de Salamanca, Salamanca, 2004. Disponível em: <<https://summa.upsa.es/viewer.vm?id=14288>>. Acesso em: 16 fev. 2024.

ANGUS, Samuel. **The mystery-religions and Christianity: a study in the religious background of early Christianity**. New York: Charles Scribner's Sons, 1925. Disponível em: <<https://archive.org/details/mysteryreligions0000sang>>. Acesso em: 07 set. 2024.

ASLAN, Reza. **Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré**. 1.<sup>a</sup> edição, 8.<sup>a</sup> reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

BACCHIOCCHI, Samuele. **From sabbath to sunday: a historical investigation of the rise of sunday observance in early Christianity**. Roma: The Pontifical Gregorian University Press, 1977. Disponível em: <<https://archive.org/details/fromsabbathtosun0000samu>>. Acesso em: 21 fev. 2024.

BAILLY, Anatole. **Dictionnaire grec-français**. Nouvelle édition revue et corrigée, dite BAILLY 2020. Version Hugo Chavez, établie sous la direction de Gérard Gréco. Disponível em: <<http://gerardgreco.free.fr/spip.php?article52>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

BARNES, Albert. **Notes, explanatory and practical, on the Epistles of Paul to the Ephesians, Philippians, and Colossians**. New York: Harper & Brothers, 1855. Disponível em: <<https://archive.org/details/ephesiansetc00barnrich>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

BARNES, Albert. **Notes, explanatory and practical, on the Gospels**. 17<sup>th</sup> edition revised and corrected. New York: Harper & Brothers, 1850. Volume 2. Disponível em: <<https://archive.org/details/notesexplanator02barn>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: período interbíblico e os Evangelhos. 1.<sup>a</sup> edição. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985. Volume 5.

BÍBLIA. AT. Grego e inglês. **The Septuagint version of the Old Testament and Apochrypha**: with a English translation. [Edited and translated by Sir Lancelot Charles Lee Brenton]. London: Samuel Bagster and Sons, 1900. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/septuagintversio1900bren>>. Acesso em: 03 abr. 2023.

BÍBLIA. Espanhol. **La Biblia, que es, los sacros libros del viejo y nuevo testamento**. Tradladada en español [por Casiodoro de Reina]. [Basel: Samuel Apiarius], 1569. Disponível em: <<https://www.e-rara.ch/doi/10.3931/e-rara-3451>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

BÍBLIA. Francês. **La Bible, que est toute la sainte Escriture**. En laquelle sont contenus le Vieil Testament & le Nouveau, translatez en François. Le Vieil, de L'ebrieu; & le Nouveau, du Grec. Neuchâtel: Pierre de Wingle, 1535. Republicação em edição fac-similar — **La Bible**: fac-similé de la Bible dite Bible d'Olivétan (1535). Préface de André Gounelle. Villiers-sur-Marne: Librissimo; Fénix Éditions, 2004. En deux volumes. Também disponível em: <[https://www.e-rara.ch/gep\\_g/content/titleinfo/1751440](https://www.e-rara.ch/gep_g/content/titleinfo/1751440)>. Acesso em: 18 mar. 2023.

BÍBLIA. Hebraico, grego e inglês. **The interlinear Hebrew Greek English Bible**. Jay Patrick Green, general editor and translator. Fourth edition. Evansville: Associated Publishers and Authors, 1983. Volume 3 (Ps 56 – Malachi).

BÍBLIA. Hebraico, grego e inglês. **The interlinear Hebrew-Greek-English Bible**. Jay Patrick Green, general editor and translator. Case laminate edition. Fourth edition (first printing of case laminated fourth edition). Lafayette, IN: Authors for Christ Inc., 2009. Four volumes edition. Volume 4.

BÍBLIA. Hebraico, grego e inglês. **The interlinear Bible**: Hebrew-Greek-English. Jay P. Green (general editor and translator). One volume edition. 2<sup>nd</sup> edition. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2013.

BÍBLIA. Italiano. **La Biblia**: quale contiene i sacri libri del Vecchio Testamento, tradotti nuovamente da la hebraica verità in lingua toscana da Antonio Brucioli. [...]. Tradotti di greco in lingua toscana pel medesimo, a cura di Antonio Brucioli. Venetia: Lucantonio Giunti, 1532. Disponível em: <[https://archive.org/details/bub\\_gb\\_c5Z8LoA4HnEC](https://archive.org/details/bub_gb_c5Z8LoA4HnEC)>. Acesso em: 17 mar. 2023.

BÍBLIA. Latim (versão antiga e versão nova). **Bibliorum sacrorum**: latinae versiones antiquae, seu vetus italica. Opera et studio D. Petri Sabatier. Parisiis: Franciscum Didot, 1751. Tomus tertius. Disponível em: <<https://archive.org/details/Sabatier3>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BÍBLIA. NT. Alemão. **Das Neue Testament Deütsch**. [Traduzido por Martin Luther. 1.<sup>a</sup> edição]. Vuittemberg: [Melchior Lotter], [setembro de 1522]. Republicado em edição fac-similar por STRAND, Kenneth A. **Luther's "September Bible"**: in facsimile. Folio. Ann Arbor, MI: Ann Arbor Publishers, 1972. Também disponível em: <[https://www.e-rara.ch/bau\\_1/content/titleinfo/11866167](https://www.e-rara.ch/bau_1/content/titleinfo/11866167)>. Acesso em: 18 mar. 2023.

BÍBLIA. NT. Evangelhos e Atos dos Apóstolos. Grego e Latim (versão antiga). Codex Beza Cantabrigiensis. **Bezae codex cantabrigiensis**. Edited with a critical introduction, annotations and facsimiles by Frederick H. Scrivener. Cambridge (UK): Deighton, Bell and CO., 1864. Disponível em: <<https://archive.org/details/bezaecodexcanta00cambgoog>>. Acesso em: 09 set. 2024.

BÍBLIA. NT. Os Evangelhos. Gótico e latim. **Sacrorum evangeliorum versio gothica**. Interpretatione latina et annotationibus Erii Benzeli. Oxonii: Typographeo Clarendoniano, 1750. Disponível em: <<https://archive.org/details/sacrorumevangeli00lyee>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BÍBLIA. NT. Evangelhos e epístolas paulinas. Gótico. **The first Germanic Bible**: translated from the Greek by the Gothic bishop Wulfila in the fourth century. Edited with an introduction, a syntax, and a glossary by G. H. Balg. New York: B. Westermann & Co., 1891. Disponível em: <<https://archive.org/details/firstgermanicbib00ulfi>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BÍBLIA. NT. Grego. **Die Schriften des Neuen Testaments**. In ihrer ältesten erreichbaren Textgestalt hergestellt auf Grund ihrer Textgeschichte von Hermann Freiherr von Soden. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1913. Teil 2 (text mit apparat). Disponível em: <<https://archive.org/details/VonSoden2>>. Acesso em: 02 abr. 2023.

BÍBLIA. NT. Grego e latim. **Novvm d[omini] n[ostri] Iesv Christi Testamentum**. A Theodoro Beza versum, ad veritatem Graeci sermonis e regione appositum, cum ejusdem annotationibus, in quibus ratio interpretationis redditur. Basileia: Nicolaus Barbieri *et* Thomas Courteau, 1559. Disponível em: <[https://www.e-rara.ch/gep\\_g/content/titleinfo/1751868](https://www.e-rara.ch/gep_g/content/titleinfo/1751868)>. Acesso em: 18 fev. 2024.

BÍBLIA. NT. Hebraico e português. **O Novo Testamento de nosso Senhor Jesus Cristo**. Traduzido em português por João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida. Londres: A Sociedade para a Distribuição das Sagradas Escrituras aos Judeus, [198?].

BÍBLIA. NT. Os Evangelhos. Latim (versão antiga). **Codex Colbertinus Parisiensis**. Denuo edidit Johannes Engebretsen Belsheim. Christianiae: Alberti Cammemeyeri, 1888. Disponível em: <[https://archive.org/details/MN41417ucmf\\_6](https://archive.org/details/MN41417ucmf_6)>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BÍBLIA. NT. Evangelhos de Mateus e Marcos. Latim (versão antiga). **Portions of the Gospels according to St. Mark and St. Matthew from the Bobbio ms**. Edited by John Wordsworth, W. Sanday e H. J. White. Oxford: Clarendon Press, 1886. (Old Latin Biblical Texts n. 2). Disponível em: <<https://archive.org/details/oldlatinbiblica01unkngoog>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BÍBLIA. NT. Português. **O Novo Testamento**, isto he, todos os sacrosanctos livros e escritos evangelicos a apostolicos do Novo Concerto de nosso fiel Senhor salvador e redemptor Iesu Christo. Traduzido pelo padre João Ferreira A. D'Almeida. Amsterdam: viuva de J. A. Someren. 1681. Disponível em: <<http://purl.pt/12730>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

BÍBLIA. NT. Português. **O Novo Testamento**, isto he, todos os livros do Novo Concerto de nosso fiel Senhor redemptor Iesu Christo, traduzido na lingua portuguesa pelo reverendo padre João Ferreira A. D'Almeida, ministro pregador do sancto Evangelho nesta cidade de Batavia, em Java Mayor. Segunda impressãõ emendada e revista por Theodorus Zas e Jacobus op den Akker. Batavia: João de Vries, 1693. Disponível em: <<https://bibliotecasamuelschwarz.fcsh.unl.pt/biblioteca/obras-digitalizadas>>. Acesso em: 03 abr. 2023.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida da Vulgata e anotada pelo padre Matos Soares. 11.<sup>a</sup> edição. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Shedd**: Antigo e Novo Testamentos. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2.<sup>a</sup> edição revista e atualizada no Brasil. Com notas de estudo editadas pelo Dr. Russell P. Shedd. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

BINGHAM, Joseph. **Origines ecclesiasticæ**: or the antiquities of the Christian church, and other works. In eight volumes. London: William Straker, 1834. Volume 7. Disponível em: <<https://archive.org/details/originesecclesia07bing>>. Acesso em: 04 set. 2024.

BULTRIGHINI, Ilaria; STERN, Sacha. The seven-day week in the Roman empire. *Apud*: STERN, Sacha (editor). **Calendars in the making**: the origins of calendars from the Roman Empire to the later Middle Ages. Leiden; Boston: 2021. Disponível em: <<https://refubium.fu-berlin.de/bitstream/handle/fub188/37017/Ch.1%20Seven-day%20week.pdf?sequence=5&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 fev. 2024.

CUMONT, Franz Valery Marie. **The mysteries of Mithra**. Translated from de second revised french edition by Thomas J. McCormack. Chicago: The Open Court, 1903. Disponível em: <<https://archive.org/details/mysteriesofmithr0000cumo>>. Acesso em: 07 set. 2024.

DAILLÉ, Jean. **A treatise on the right use of the fathers in the decision of controversies existing at this day in religion**. First american edition. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 1842. Disponível em: <<https://archive.org/details/treatiseonright00dail>>. Acesso em: 03 set. 2024.

DONALDSON, John William. **A complete Greek grammar for the use of students**. Third edition. Cambridge: Deighton, Bell & CO.; London: Bell and Daldy, 1862. Disponível em: <<https://archive.org/details/completegreekgra00donauoft>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

EHRMAN, Bart D. **Forged**: writing in the name of God — why the Bible's authors are not who we think they are. New York: Harper One, 2012.

EUSEBIO, di Cesarea. **Comento ai Salmi**. A cura di Maria benedetta Artioli. Roma: Città Nuova, 2004. Volume 2 (Salmi 72-150).

EUSEBIUS, of Caesarea. **Gospels problems and solutions**: quaestiones ad Stephanum et Marinum. Edited by Roger Pearse. Translated by David Miller, Adam McCollum, Carol Downer and others. Ipswich: Chieftain, 2010. Disponível em: <<https://www.roger-pearse.com/>>

weblog/2015/12/12/eusebius-of-caesarea-gospel-problems-and-solutions-now-online-in-english>. Acesso em: 12 mar. 2023.

FERREIRA, Guilherme Luiz dos Santos. **A Bíblia em Portugal**: apontamentos para uma monografia, 1495 – 1850. 1.<sup>a</sup> edição, de mil exemplares, de propriedade da Religious Tract Society, de Londres. Lisboa: Ferreira de Medeiros, 1906. Disponível em: <<https://rnod.bnportugal.gov.pt/rnod/winlibsrch.aspx?&pesq=3&doc=238566>>. Acesso em: 11 abr. 2024.

FIRMICUS MATERNUS, Julius. **De errore profanarum religionum**. Edidit Konrat Ziegler. Lipsiae [Leipzig]: B. G. Teubner, 1907. Disponível em: <<https://archive.org/details/deerroreprofanar00firm>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

FREY, Joseph Samuel C. F. **A Hebrew and English dictionary**: containing all the Hebrew and Chaldee words used of the Old Testament. London: Longman and Co.; Simpkin and Co.; Whittaker and Co.; 1842. Disponível em: <<https://archive.org/details/hebrewenglishdic00freyuoft>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

FÜRST, Julius. **A Hebrew & Chaldee lexicon to the Old Testament**. Third edition. Translated from the German by Samuel Davidson. Leipzig: B. Tauchnitz; London: Williams & Norgate, 1867. Disponível em: <<https://archive.org/details/hebrewchaldeelex00frst>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

GESENIUS, Heinrich Friedrich Wilhelm. **Thesaurus Philologicus Criticus Linguae Hebraeae et Chaldaeae Veteris Testamenti**. Leipzig: Friedrich Christian Wilhelm Vogel, 1840. Tomo 2 (א - ט). Disponível em: <<https://archive.org/details/thesaurusphilolo02geseuoft>>. Acesso em: 04 set. 2024.

GESENIUS, Heinrich Friedrich Wilhelm. **Thesaurus Philologicus Criticus Linguae Hebraeae et Chaldaeae Veteris Testamenti**. Leipzig: Friedrich Christian Wilhelm Vogel, 1853. Tomo 3 (ק - צ). Disponível em: <<https://archive.org/details/thesaurusphilolo03geseuoft>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

GRAY, George Buchanan. **A critical and exegetical commentary on the book of Isaiah: I-XXXIX**. In two volumes. New York: Charles Scribener's Sons, 1912. Volume 1. Disponível em: <[https://archive.org/details/criticalexegetic0018gray\\_q6z7](https://archive.org/details/criticalexegetic0018gray_q6z7)>. Acesso em: 21 fev. 2024.

GRAYSON, Abert Kirk. **Assyrian rulers of the early first millennium BC II (858 – 745 BC)**. Toronto: University of Toronto, 2002. (The royal inscriptions of Mesopotamia; Assyrian period; volume 3). Disponível em: <<https://epdf.tips/assyrian-rulers-of-the-early-first-millennium-bc-ii-858-745-bc-royal-inscription.html>>. Acesso em: 05 set. 2024.

GRESWELL, Edward. **Origines kalendariae italicae**. In four volumes. Oxford: University Press, 1854. Volume 2. Disponível em: <<https://archive.org/details/origineskalenda02gres>>. Acesso em: 18 fev. 2024.

GRIMM, Karl Ludwig Wilibald; WILKE, Christian Gottlob. **A Greek-English lexicon of the New Testament**: being Grimm's Wilke's Clavis Novi Testamenti. Translated, revised and enlarged by Joseph Henry Thayer. Corrected edition. New York: American Book Co., 1889. Disponível em: <<https://archive.org/details/greekenglishlexi00grimuoft>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

HARDOUIN, Jean; LABBE, Philippe; COSSART, Gabriel. **Acta conciliorum et epistolae decretales, ac constitutiones summorum pontificum**. Parisiis: Typographia Regia, 1715. Tomus primus. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=V2xZAAAAYAAJ>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

HARKNESS, Margaret Elise. **Assyrian life and history**. London: The Religious Tract Society, [19--?]. Disponível em: <<https://archive.org/details/assyrianlifeandh00harkuoft>>. Acesso em: 12 fev. 2024.

HEFELE, Karl Joseph von. **A history of the councils of the church**. Translated from the German, and edited by William R. Clark. Second edition, revised. Edinburgh: T. & T. Clark, 1894. [Volume 1]. Disponível em: <<https://archive.org/details/historyofchristi00hefe>>. Acesso em: 08 set. 2024.

IGNATIUS, of Antioch. Letters of Ignatius. *Apud*: HENDERSON, Jeffrey (editor). **The apostolic fathers**. Edited and translated by Bart D. Ehrman. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003. Volume 1. (Loeb Classical Library n. 24). Disponível em: <<https://dokumen.pub/the-apostolic-fathers-i-clement-ii-clement-ignatius-polycarp-didac-he-1-0674996070-9780674996076.html>>. Acesso em: 18 fev. 2023.

JOSEPHUS, Flavius. **Jewish antiquities**. With an English translation by Henry Saint John Thackeray. London: William Heinemann, 1961. Volume 4. (Loeb Classical Library n.º 242).

Disponível em: <<https://archive.org/details/L242JosephusVJewishAntiquities13>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

LAMONT, Roscoe. The Roman calendar and its reformation by Julius Caesar. **Popular Astronomy**, Northfield, volume 27, p. 583-595, 1919. Disponível em: <<https://archive.org/details/R.LamontTheRomanCalendarAndItsReformationByJuliusCaesar1919>>. Acesso em: 18 fev. 2024.

LEHOUX, Daryn. Image, text, and pattern: reconstructing parapegmata. Apud: JONES, Alexander; CARMAN, Christián. **Instruments – observations – theories: studies in the history of astronomy in honor of James Evans**. [on line]. 2020. Disponível em: <<https://archive.nyu.edu/handle/2451/61288>>. Acesso em: 18 fev. 2024.

LENSKI, Richard Charles Henry. **The interpretation of St. Matthew's Gospel:15-28**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2008.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. **A Greek-English lexicon**. A new edition revised and augmented throughout by Henry Stuart Jones, with the assistance of Roderick Mckenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940. Volume 2. Disponível em: <[https://archive.org/details/b31364949\\_0002](https://archive.org/details/b31364949_0002)>. Acesso em: 22 jun. 2023.

LYRA, Jorge Buarque. **A maçonaria e o cristianismo**. 3.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: [sine nomine], 1953.

MACROBIUS. **The saturnalia**. Translated with an introduction and notes by Percival Vaughan Davies. New York: Columbia University Press, 1969. Disponível em: <<https://archive.org/details/macrobius-saturnalia-book-01-english-1969>>. Acesso em: 18 fev. 2024.

METZGER, Bruce Manning. **The text of the New Testament: its transmission, corruption, and restoration**. New York; London: Oxford University Press, 1964. Disponível em: <<https://archive.org/details/textofnewtestame0000metz>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

MIGNE, Jacques Paul. **Patrologiae: cursus completus**. Series Graeca. Parisiis: J. P. Migne, 1857. Volume 5. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=-AQRAAAAYAAJ>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

MIGNE, Jacques Paul. **Patrologiae: cursus completus**. Series Graeca. Parisiis: J. P. Migne, 1857. Volume 6. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=NZLYAAAAMAAJ>>. Acesso em: 06 set. 2023.

MIGNE, Jacques Paul. **Patrologiae: cursus completus**. Series Graeca. Parisiis: J. P. Migne, 1862. Volume 12. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=ukJfMwdDdlgC>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

MIGNE, Jacques Paul. **Patrologiae: cursus completus**. Series Graeca. Parisiis: J. P. Migne, 1857. Volume 22. Disponível em: <<https://archive.org/details/patrologiaecurs60migngoog>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MIGNE, Jacques Paul. **Patrologiae: cursus completus**. Series Graeca. Parisiis: J. P. Migne, 1857. Volume 23. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=nnTYAAAAMAAJ>>. Acesso em: 21 fev. 2024.

MIGNE, Jacques Paul. **Patrologiae: cursus completus**. Series Graeca. Parisiis: J. P. Migne, 1857. Volume 28. Disponível em: <<http://books.google.com/books?id=5r0UAAAQAAJ>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

MIGNE, Jacques Paul. **Patrologiae: cursus completus**. Series Graeca. Parisiis: J. P. Migne, 1864. Volume 67. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=ZuhUfIczEzoC>>. Acesso em: 07 abr. 2023.

MILLIGAN, George. **The New Testament and its transmission**. London: Hodder and Stoughton, 1932. Disponível em: <<https://archive.org/details/newtestamentitst0000mill>>. Acesso em: 11 set. 2024.

MOSHEIM, Johann Lorenz. **An ecclesiastical history: ancient and modern**. A new edition in two volumes. Baltimore: Phoenix N. Wood, 1832. Volume 1. Disponível em: <<https://archive.org/details/ecclesiasticalhi0000mosh>>. Acesso em: 04 set. 2024.

MOURCIN, Joseph Théophile de. **Lexique grec-français**. 18<sup>me</sup> edition. Paris: Auguste Delalain, 1832. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=BlwOAAAQAAJ>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

NEANDER, Johann August Wilhelm. **General history of the Christian religion and church**. Translated by Joseph Torrey. London: Henry G. Bohn, 1850. Volume 1. Disponível em: <<https://archive.org/details/generalhistoryof01neanuoft>>. Acesso em: 03 set. 2024.

NOAM, Vered. **Megillat Ta'anit**: versions, interpretation, history. Jerusalem: Yad Ben-Zvi Press, 2003. Disponível em: <[https://icalendrier.fr/media/religion/fetes-juives/Megillat\\_Taanit\\_The\\_Scroll\\_of\\_Fasting.pdf](https://icalendrier.fr/media/religion/fetes-juives/Megillat_Taanit_The_Scroll_of_Fasting.pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2023.

NUNES JUNIOR, Ediek Pereira. Santa Ceia ou Eucaristia: um ponto de distinção entre os dois Cristos da Bíblia. **Revista Discente Planície Científica**, Campos dos Goytacazes (RJ), vol. 1, n. 2, jul-dez 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/planiciecientifica/article/view/29502>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

NUNES JUNIOR, Ediek Pereira. **Rituais de inversão**: integrando Antropologia e religião. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 15 dez. 2022. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/28229>>. Acesso em: 26 abr. 2023.

NORTH, Robert. The derivation of sabbath. **Biblica**, Roma, vol. 36, n. 2; 1955. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/42619034>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

PIKE, Albert. **Morals and dogma of the ancient and accepted scottish rite of Freemasonry**. Charleston: A. M. 5632, 1946. Disponível em: <<https://archive.org/details/moralsdogmaofanc00pike>>. Acesso em: 04 jun. 2020.

ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (editors). **Ante-Nicene Christian library**: translations of the writings of the Fathers down to A.D. 325. Edinburgh: T. & T. Clark, 1870. Volume 17. Disponível em: <<https://archive.org/details/antenicenechrist0017unse>>. Acesso em: 09 fev. 2024.

ROBERTSON, Archibald Thomas. **A grammar of the Greek New Testament in the light of historical research**. New York: Hodder & Stoughton, 1914. Disponível em: <<https://archive.org/details/grammarofgreekne00robeuoft>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

SANTOS, Antonio Ribeiro dos. Sobre algumas traduções, e edições bíblicas menos vulgares; em lingua portugueza, especialmente sobre as obras de João Ferreira de Almeida.

In: ACADEMIA REAL DE SCIENCIAS DE LISBOA. **Memorias de litteratura portugueza**. Lisboa: oficina da Academia Real de Sciencias de Lisboa. 1806. Tomo 7. Disponível em: <<https://archive.org/details/memoriasdelitte18lisbgoog>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

SAYCE, Archibald Henry. **Fresh light from the ancient monuments**. [London]: The Religious Tract Society, 1895. Disponível em: <<https://archive.org/details/freshlightfroman0000sayc>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

SMITH, William (editor). **A dictionary of Greek and Roman antiquities**. Second edition. Boston: Charles Little and James Brown, 1849. Disponível em: <[https://archive.org/details/dictionaryofgree00smit\\_0](https://archive.org/details/dictionaryofgree00smit_0)>. Acesso em: 18 fev. 2023.

SOPHOCLES, Evangelinus Apostolides. **Greek lexicon of the Roman and Byzantine periods**. Cambridge: Harvard University Press; London: Humphrey Milford, 1914. Disponível em: <<https://archive.org/details/greeklexiconofro00soph>>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SPECHT, Walter F. Sunday in the New Testament. *Apud*: STRAND, Kenneth A. (editor). **The sabbath in Scripture and history**. Washington (DC); Hagerstown (MD): Review and Herald Publishing Association, 1982.

STEFANOVIC, Ranko. “The Lord’s day” of Revelation 1:10 in the current debate. **Seminary Studies**, Berrien Springs, Andrews University, vol. 49, n. 2, p. 261-284, 2011. Disponível em: <<https://digitalcommons.andrews.edu/auss/vol49/iss2/3>>. Acesso em: 21 fev. 2024.

TADMOR, Hayim; YAMADA, Shigeo. **The royal inscriptions of Tiglath-pileser III (744 – 727 BC), and Shalmaneser V (726 – 722 BC), kings of Assyria**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2011. (The royal inscriptions of the neo-Assyrian period; volume 1). Disponível em: <<https://epdf.tips/the-royal-inscriptions-of-tiglath-pileser-iii-king-of-assyria-744-727-bc-and-sha.html>>. Acesso em: 05 set. 2024.

TOGNINI, Enéas. **O período interbíblico**. 7.<sup>a</sup> edição revista, atualizada e ampliada pelo autor. São Paulo: Louvores do Coração, 1992.

UNIVERSITY OF CHICAGO. The Oriental Institute. **The Assyrian dictionary**. Second printing. Chicago: The Oriental Institute, 2004. Volume 17 (shin), part 1. Disponível em:

<<https://oi.uchicago.edu/research/publications/assyrian-dictionary-oriental-institute-university-chicago-cad>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE JR., William. **Dicionário Vine**: o significado exegetico e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD; Thomas Nelson Brasil, 2016.

WHISTON, William. **Primitive Christianity revived**. London: printed for the author, 1711. Volume 1. Disponível em: <<https://archive.org/details/primitivechristi01whis>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

WOOD, Kenneth H. The “Sabbath days” of Colossians 2:16, 17. *Apud*: STRAND, Kenneth A. (editor). **The sabbath in Scripture and history**. Washington (DC); Hagerstown (MD): Review and Herald Publishing Association, 1982.

ZEITLIN, Salomon. **Studies in the early history of Judaism**. New York: Ktav Publishing House, 1973. Volume 1.

ZEITLIN, Solomon. The date of the crucifixion according to the fourth gospel. **Journal of Biblical Literature**, Atlanta, vol. 51, n. 3, 1932. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3259472>>. Acesso em: 29 mar. 2023.